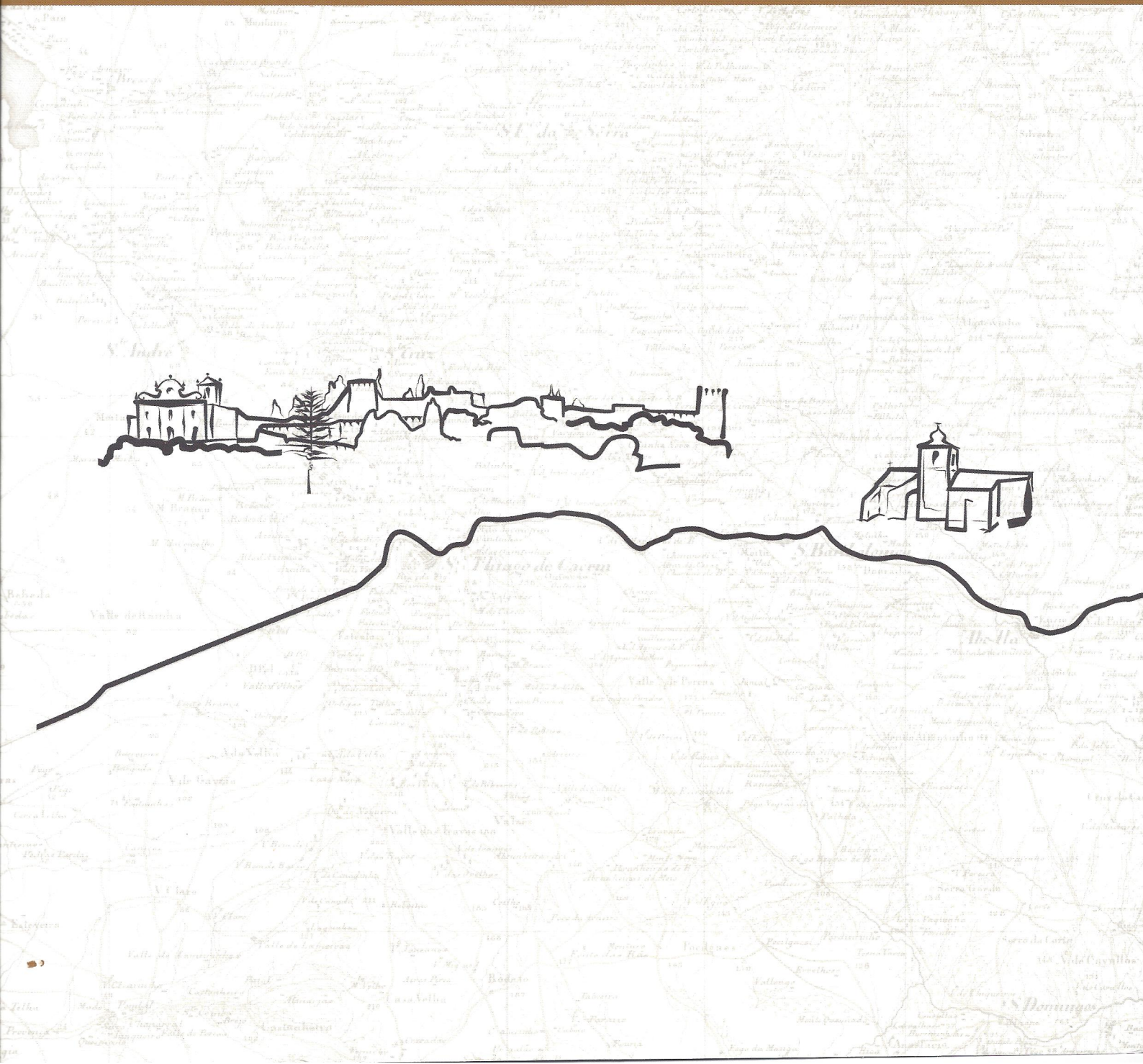


Dom Frei Manuel do Genáculo

Itinerários por Santiago do Cacém





Dom Frei Manuel do Genáculo

Itinerários por Santiago do Cacém

Santiago do Cacém

S. Bartolomeu

Ficha técnica do catálogo

Título: *Dom Frei Manuel do Cenáculo. Itinerários por Santiago do Cacém*

Parceria: Direção Regional de Cultura do Alentejo, Câmara Municipal de Santiago do Cacém e Junta de Freguesia da União de Freguesias de Santiago do Cacém, Santa Cruz e São Bartolomeu da Serra

Apoio na coordenação: Fernanda do Vale e José Matias – Divisão de Cultura e Desporto da Câmara Municipal de Santiago do Cacém (DCD/CMSC)

Coordenação: Manuela de Deus – Direção Regional de Cultura do Alentejo/Ruínas de Miróbriga (DRCALEN)

Colaboração: José António Falcão – Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja (DPHADB)

Textos: Fernanda do Vale* (DCD/CMSC); João Brigola (Escola de Ciências Sociais e CIDEHUS/Universidade de Évora); José António Falcão* (DPHADB); José Matias* (DCD/CMSC); Manuela de Deus* (DRCALEN); Maria Luísa Cabral (CHAM/FCSH-UNL/UAç); Ricardo Estevam Pereira (Câmara Municipal de Sines/Museu de Sines)

Créditos fotográficos: António Cunha – Museu Rainha D. Leonor. Beja; Hidalgo Vilhena e Policarpo Godinho – Arquivo da Câmara Municipal de Santiago do Cacém; Arquivo da Família do Dr. João Gualberto da Cruz e Silva; Arquivo Família Lobo de Vasconcellos; Arquivo Família Nunes da Silva; Biblioteca Pública de Évora (BPE); Francisco Borba – Departamento do Património Histórico Artístico da Diocese de Beja; José Matias (DCD/CMSC); Maria de Fátima Lobo de Vasconcellos Côte-Real; Paulo Chaves – Divisão de Comunicação e Imagem (DCI/CMSC)

Créditos fotográficos catálogo: pp. 86, 87, 89, 100, 101 – Paulo Chaves (DCI/CMSC); pp. 91, 97, 98 – Francisco Borba (DPHADB)

Créditos separadores: p. 12 – *D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas, arcebispo de Évora*. Anónimo, BPE; p. 16 – Planta do conjunto de edifícios projectado por Joaquim de Oliveira para Fr. Manuel do Cenáculo, para Beja, incluindo biblioteca e museu (BPE, Gav. 8, Pasta I, nº 40); p. 21 – Sala da Biblioteca Pública de Évora. 1908. Caetano Polido Júnior. Coleção Fotográfica do Grupo Pró-Évora (AFCME, GPE0282); p. 22 – Pormenor da baía e do castelo de Sines. Hidalgo Vilhena. ACMSC; p. 28 – *Egreja de Sanct-Yago de Cassem e parte das ruínas do castello em 1850* (pormenor). Litografia a partir de um desenho do P.º António de Macedo e Silva (1866, est. I); p. 40 – *D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas, bispo de Beja*. António Joaquim Padrão. Ca. 1770. Beja. Museu Rainha D. Leonor. António Cunha; p. 63 – Santa Helena/Relicário do Santo Lenho. Francisco Borba (DPHADB); p. 64 – Vaso de vidro da Herdade do Raco. Paulo Chaves (DCI/CMSC)

Imagens manuscritas: Biblioteca Pública de Évora (BPE), excepto p. 101

Desenhos: Perfil topográfico do percurso entre Beja e Sines (rodapé e pormenor da capa) e aguarela da escavação de Miróbriga de 1801 da p. 83 – Raquel Ventura

Concepção gráfica: Direção Regional de Cultura do Alentejo

Revisão de textos: Manuela de Deus e António Massano

Edição: Junta de Freguesia da União de Freguesias de Santiago do Cacém, Santa Cruz e São Bartolomeu da Serra

Apoios: Câmara Municipal de Santiago do Cacém e Caixa de Crédito Agrícola Costa Azul

Impressão: Litográfis Artes Gráficas, Lda

Local e data: Santiago do Cacém, 2016

Tiragem: 500 exemplares

ISBN: 978-989-99049-1-0

Depósito Legal: 418377/16

* Os autores não escrevem segundo o *Acordo Ortográfico* de 1990

Ficha técnica da exposição

Título: *Dom Frei Manuel do Cenáculo. Itinerários por Santiago do Cacém*

Concepção e coordenação: Fernanda do Vale e José Matias – Divisão de Cultura e Desporto da Câmara Municipal de Santiago do Cacém (DCD/CMSC) e Manuela de Deus – Direção Regional de Cultura do Alentejo (DRCALEN)/Ruínas de Miróbriga

Programação museológica: Fernanda do Vale e José Matias (DCD/CMSC) e Manuela de Deus (DRCALEN)

Investigação: Manuela de Deus (DRCALEN)

Textos: Manuela de Deus – DRCALEN. Colaboração de José António Falcão – Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja (DPHADB)

Créditos fotográficos: Arquivo da Câmara Municipal de Santiago do Cacém – Hidalgo Vilhena e Policarpo Godinho; Arquivo da Família do Dr. João Gualdaberto da Cruz e Silva; Arquivo Família Lobo de Vasconcellos; Arquivo Família Nunes da Silva; Biblioteca Pública de Évora; José Matias (DCD/CMSC); Maria de Fátima Lobo de Vasconcellos Côte-Real; Paulo Chaves – Divisão de Comunicação e Imagem (DCI/CMSC)

Concepção gráfica: Gabriela Semedo – Divisão de Comunicação e Imagem (DCI/CMSC)

Desenhos: Perfil topográfico do caminho percorrido por Cenáculo entre Beja e Sines (rodapé) e aguarela da escavação de Miróbriga de 1801 – Raquel Ventura

Revisão de textos: Anouschka Caels – Divisão de Comunicação e Imagem (DCI/CMSC)

Impressão de painéis: Innovart – G.A.M.G. centro de imagem digital, Lda

Montagem: Divisão de Projectos e Obras (DPO/CMSC); Divisão de Comunidade Local (DCL/CMSC)

Divulgação: Divisão de Comunicação e Imagem (DCI/CMSC); Direção Regional de Cultura do Alentejo

Cedência de peças: Biblioteca Pública de Évora; Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja/Tesouro da Colegiada de Santiago; Museu de Évora; Paróquia de Santiago do Cacém

Transporte e embalagem de obras de arte: RNTRANS – Grupo Urbanos

Organização: Câmara Municipal de Santiago do Cacém e Direção Regional de Cultura do Alentejo

Local e data: Museu Municipal de Santiago do Cacém (26 de setembro de 2015 a 30 de Outubro de 2016)

Índice

<i>Manuel do Cenáculo, 1724-1814: um percurso, uma vida</i> MARIA LUÍSA CABRAL	13
<i>O colecionismo de Frei Manuel do Cenáculo e a cultura europeia do século XVIII</i> JOÃO BRIGOLA	17
<i>As “Jornadas de Sines” de D. Frei Manuel do Cenáculo</i> RICARDO ESTEVAM PEREIRA	23
<i>D. Fr. Manuel do Cenáculo: Percurso por Santiago do Cacém</i> MANUELA DE DEUS, JOSÉ MATIAS E FERNANDA DO VALE	29
<i>“Às Maneiras dos Gregos”: D. Fr. Manuel do Cenáculo e a Identificação de Vestígios do Rito Bizantino na Igreja Matriz de Santiago do Cacém</i> JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO	41
<i>“Quando o objecto desafia a curiosidade”: A actividade arqueológica de Cenáculo e seus colaboradores em Santiago do Cacém</i> MANUELA DE DEUS	65
<i>Catálogo</i>	85
<i>Abreviaturas e símbolos</i>	104
<i>Fontes e bibliografia</i>	104

“Quando o objecto desafia a curiosidade”:

A actividade arqueológica de Cenáculo e seus colaboradores em Santiago do Cacém

1. Notas prévias

Embora, em Portugal, a Arqueologia, enquanto disciplina científica, só tenha nascido em meados do século XIX, tem raízes em práticas colecionistas, de observação e de inventariação dos objectos do passado, que remontam aos humanistas do século XVI (Fabião, 1989, p. 10), tais como Fr. Bernardo de Brito (1569-1617) e André de Resende (c. 1500-1573), o primeiro a identificar as ruínas situadas junto a Santiago do Cacém como sendo Miróbriga. Porém, é no século XVIII que algumas realizações e personalidades, das quais se evidencia Fr. Manuel do Cenáculo, – embora não rompendo totalmente com a tradição historiográfica anterior e ainda alicerçado, do ponto de vista teórico, no paradigma bíblico tradicional –, introduzem novas formas de abordagem dos vestígios do passado.

Não sendo objectivo deste trabalho traçar o quadro cultural da época em que D. Fr. Manuel do Cenáculo se moveu,¹ e do qual este destacado iluminista foi um dos seus protagonistas,² impõe-se referir alguns marcos importantes para a presente temática. Sob a égide de D. João V é fundada, em 1720, a Academia Real da História Portuguesa, e, no ano seguinte, é publicada a primeira legislação de protecção do património, o *Alvará sobre a conservação de monumentos antigos*, competindo aos académicos especiais funções no levantamento e investigação de fundos documentais manuscritos e dos monumentos antigos. Ainda que vistos como fontes para o estudo do passado, os estudos e as recolhas continuavam a privilegiar o texto escrito e o valor estético dos objectos, predominantemente elementos epigráficos, escultóricos, arquitectónicos e numismáticos e peças que se destacassem pela sua raridade, curiosidade ou bom estado de conservação. É ainda de realçar que a antiguidade clássica fazia parte, à época, do imaginário europeu, muito motivado pela descoberta e pelas escavações em sítios em-

blemáticos como Pompeia e Herculano (Martins, 2005, p. 171), temática que era cara a Cenáculo e com a qual terá contactado de perto na viagem que fez a Roma em 1750.

Como assinala Carlos Fabião, mais do que as actividades da Academia, os principais elementos de ruptura em relação às tradições anteriores estão associados ao labor de Fr. Manuel do Cenáculo e dos seus colaboradores (1989, p. 19), apelidado de o *bispo arqueólogo* (Silva, 1996, p. 265) e apresentado por alguns autores como o “primeiro arqueólogo português” (Silva, 1996, p. 263; Morais, 2009, p. 221) ou “um pai fundador” da arqueologia em Portugal (Raposo, 2010, p. 47). Ainda que a sua acção seja mais abrangente, é sobretudo em Beja, onde permaneceu vinte e cinco anos à frente de uma diocese com inúmeras carências, mas riquíssima em vestígios do passado, que Cenáculo encontrou terreno fértil para colocar em prática as suas ideias e desenvolver uma intensa actividade intelectual, a qual se estende da esfera pastoral, pedagógica e literária, até ao interesse pelas antiguidades e pela história local. Graças a uma extensa rede de colaboradores locais, sobretudo párocos, Cenáculo recebia peças arqueológicas e era informado sobre os achados que se faziam em diferentes pontos do seu bispado, aproveitando as viagens eclesiásticas para conhecer a sua proveniência e enriquecer o seu museu. O interesse pela arqueologia ia, porém, além do colecionismo de achados fortuitos, promovendo, ele próprio, pesquisas no terreno com vista ao seu estudo, como sucedeu, no caso do território de Santiago do Cacém, em Miróbriga e na Herdade do Raco, no Cercal.

Em Beja, na capela de São Sisenando, constitui o primeiro museu português aberto ao público, inaugurado a 15 de Março de 1791, o Museu Sisenando Cenaculano Pacense, onde reuniu uma importante colecção de esculturas, lápides, moedas e outros artefactos, que incluía objectos

provenientes de Santiago do Cacém, e que era, à época, ponto obrigatório de visita de viajantes e estudiosos, nacionais e estrangeiros. Quando foi nomeado arcebispo de Évora e se mudou para aquela cidade, levou consigo a maior parte da colecção reunida em Beja, que instalou nas salas mandadas construir junto do paço para albergar uma biblioteca e um museu.

As observações que fazia das descobertas e das escavações arqueológicas eram registadas nos papéis do *Diário* que manteve durante os anos de permanência em Beja e em Évora, a par de notas de natureza teológica, religiosa, literária, entre outras. O acervo documental de Cenáculo depositado na Biblioteca Pública de Évora é ainda composto por outros elementos com interesse para o estudo da sua actividade arqueológica, nomeadamente correspondência, opúsculos, epístolas, apontamentos soltos, desenhos de objectos e de monumentos e o *Álbum de Antiguidades Lusitanas e Luso-romanas. Lápides do Museu Sisenando Cenaculano Pacense*, uma espécie de catálogo do museu, com desenhos e informações sobre uma parte das peças reunidas em Beja. Mais tarde, os dados de natureza arqueológica foram compilados no manuscrito *Sisenando Martyr e Beja sua Pátria*, que terá começado a ser escrito por volta de 1783 e terminado em 1800 (Caetano, 2005, p. 51), e no qual Cenáculo traça a história da diocese de Beja. A obra, que não chegou a ser publicada, foi parcialmente divulgada por Leite de Vasconcelos na revista *O Arqueólogo Português*, sob a forma de breves notícias arqueológicas (1895, pp. 338-344), onde se refere a Tróia, em Grândola, às antiguidades da Herdade do Raco e do Monte do Roxo, em Santiago do Cacém, à Foz da Junqueira, em Sines, e alude, de forma sumária, a Alvalade e a “objectos religiosos antigos”. Quase 150 anos depois, o professor Manuel Joaquim Delgado transcreve o manuscrito e publica-o em sete números da revista *O Arquivo de Beja*, da qual era redactor o arqueólogo Abel Viana, sob o título “Sisenando Mártir e Beja sua Pátria”, fazendo, segundo o próprio, uma cópia “fiel do manuscrito assim intitulado, de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, existente

na Biblioteca Pública de Évora” (Cenáculo, 1946, p. 353). A primeira parte da obra é dedicada à vida e martírio de São Sisenando, padroeiro da cidade de Beja, e, na segunda, Cenáculo disserta sobre aspectos de natureza filológica, teológica histórica e arqueológica, incluindo as escavações arqueológicas que promoveu em vários locais da diocese (Cenáculo, 1946, 1947a, 1947b, 1948a, 1948b, 1949a, 1949b).

2. As antiguidades do Monte do Roxo

Nas viagens entre Beja e Sines, Fr. Manuel do Cenáculo pernoitava no Monte do Roxo, em casa do Capitão Francisco José Águas, com quem partilhava a paixão pela arqueologia, e que promovia escavações na sua propriedade de onde terão saído várias peças para o museu do bispo. Aqui, Cenáculo observou algumas descobertas, dando testemunho de moedas, de inúmeras “paredes antigas” em ambas as margens da ribeira de São Romão e de três lucernas encontradas numa sepultura, das quais o proprietário lhe enviou uma que a classificou como sendo grega (Cenáculo, 1949a, p. 240; Vasconcelos, 1895, pp. 339-340), e ainda de um provável lagar “onde se acharão bagulhos ressequidos de uvas”, o que constituirá a primeira referência a restos vegetais em contexto arqueológico (Fabião, 2011, pp. 70-71).

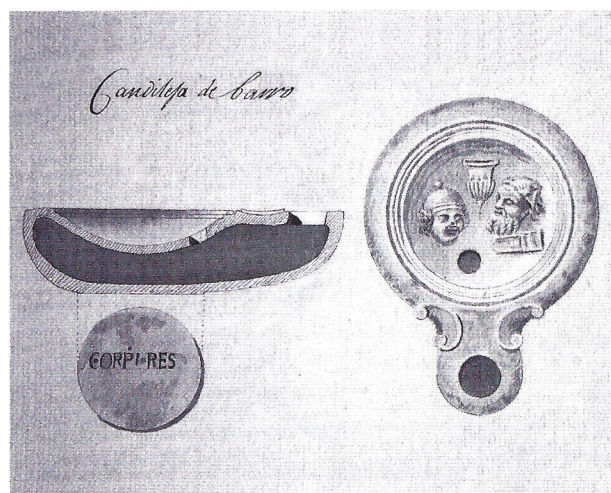
Entre os viajantes que visitaram, à época, esta região, releva-se, pelo interesse que tem para a temática aqui abordada, José Andrés Cornide Saavedra y Folgueira, natural da Coruña e homem de muitos ofícios, entre eles militar, geógrafo e académico da Real Academia de História de Madrid (Abascal & Cebrián, 2009). Em 1798, viajou entre Madrid e Lisboa e desceu até Beja para visitar a colecção de antiguidades reunida pelo bispo, onde aproveitou para tirar notas. Na viagem ao Alentejo e Algarve, que decorreu entre os dias 8 de Outubro e 28 de Novembro de 1799, Cornide pernoitou em Santiago do Cacém na noite de 19 de Outubro e o itinerário de regresso do Algarve foi feito por Beja, pois pretendia visitar Cenáculo e o seu museu. Acabou por permanecer nesta

cidade além do programado devido às condições climatéricas, o que lhe permitiu copiar inscrições, descrever e desenhar alguns objectos, o que faz dos seus diários de viagem uma importante fonte para o conhecimento da colecção de arqueologia que o bispo reuniu em Beja e para a história da arqueologia da região. Por sugestão do prelado, Cornide visitou Alvalade e o Monte do Roxo, onde ficou alojado na noite de 13 de Novembro de 1799. Embora não tenha observado antiguidades em Alvalade, os habitantes locais ter-lhe-ão assegurado que foram descobertas sepulturas e moedas romanas nos campos em redor da povoação (Abascal & Celebrián, 2009, p. 602).

A partir dos apontamentos e de um desenho que consta das memórias da viagem de Cornide, objecto de recente publicação, foi possível identificar, na colecção do actual Museu de Évora, uma das lucernas provenientes do Monte do Roxo, a que se sabe ter sido doada por Francisco José Águas e que se encontrava, em 1799, exposta no museu do bispo, em Beja. Trata-se de uma lucerna de fabrico cuidado, com o disco decorado com duas máscaras de teatro e um vaso entre ambas, que o prelado considerou ser grega, mas que é de época romana, fabricada num oleiro da península itálica, por volta dos séculos I-II d.C.⁴

“É o Rojo [Roxo] uma propriedade de uma senhora viúva que vive nela e foi daqui que remeteram para o senhor Bispo várias medalhas, e entre elas uma de Ilipla, e duas ou três lucernas sepulcrais, uma com dois bustos de relevo de bom trabalho e portanto se achará cópia entre as minhas memórias.” (Abascal & Cebrián, op. cit., p. 602)

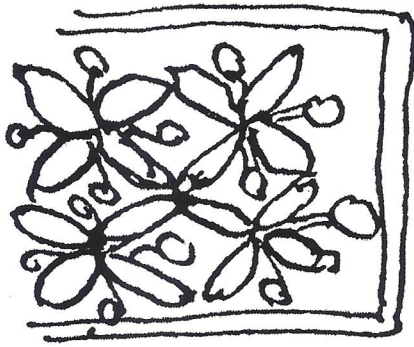
José Cornide informa, ainda, que, na envolvente da casa, se encontraram várias sepulturas com baldosas romanas que foram colocadas no pavimento de um celeiro, um pavimento de lagar feito de “formigão” romano composto por pedras e fragmentos de ladrilho, uma pedra de lagar que foi recolhida na adega, e, na soleira da igreja situada à frente da casa, viu uma pedra decorada, de mármore branco, que pensava ser romana e que desenhou de memória no seu diário. Este elemento arquitectónico parece corresponder a



Lucerna do Monte do Roxo desenhada por José Cornide, em 1799 (Abascal & Cebrián, 2009, p. 403).

um fragmento de cancela visigótica que faria parte de um edifício religioso e que foi reaproveitada, em época moderna, na construção da antiga igreja de Nossa Senhora do Roxo.

Cenáculo estava, naturalmente, a par dos ensaios de reconstituição cartográfica da antiga província romana da Lusitânia e, na senda do geógrafo espanhol Juan López que publica, em 1789, o *Mapa de la Lusitania Antigua, con su correspondência moderna*, coloca a hipótese de o Monte do Roxo, distante uma légua de Alvalade, ser o local onde se situaria a antiga povoação de *Oxthracas*, devido aos inúmeros vestígios que aí existiam, e a vizinha Alvalade seria a cidade de *Aranni* ou *Arandis*, por aí se terem “recolhido alguns restos da maior antiguidade particularmente na Amêndoa junto à Villa de Alvalade” (Cenáculo, 1949b, p. 426). Embora, à luz dos conhecimentos actuais, se reconheça a inviabilidade de muitas das preposições relativas à reconstituição da cartografia antiga e à localização das povoações romanas, o trabalho de Juan López era, à época, bastante inovador (Matos, Conde e Bernardo, 2012, p. 289) e esta circunstância não deixa de ser reveladora quer da actualização de Cenáculo no que diz respeito à produção científica da época, quer de uma atitude que procura construir a argumentação baseada na observação dos factos *in loco*.



Cancela visigótica desenhada por José Cornide, observada, em 1799, na soleira da porta da antiga igreja da Nossa Senhora do Roxo (Abascal & Cebrián, op. cit., p. 602).

3. As escavações na Herdade do Raco

As escavações promovidas por Fr. Manuel do Cenáculo na Herdade do Raco têm sido abordadas por vários autores que se têm debruçado sobre a actividade arqueológica e colecionista deste ilustre prelado (Caetano, 2005; Patrocínio, 2006; Morais, 2005; Morais, 2011). A pesquisa agora efectuada na colecção do Museu de Évora e entre a documentação da Biblioteca Pública de Évora trouxe algumas novidades sobre os vestígios materiais observados neste sítio e permitiu documentar e esclarecer as circunstâncias em que foram feitas determinadas descobertas.

Informado, pelo menos desde 1794, sobre o aparecimento de “antiguidades” no Raco, Cenáculo aproveitou a visita pastoral de 1798 para fazer escavações no local.³ As observações anotadas no seu *Diário* foram, mais tarde, corrigidas e desenvolvidas no manuscrito *Sisenando Mártir e Beja sua Pátria*. É interessante observar a preocupação que teve com a descrição do enquadramento do local e de dados de natureza geográfica e paisagística. Informa que o terreno, distante meia légua do Cercal, era propriedade do lavrador Simão dos Santos, que colaborou com as escavações, e que estava arrendado a um indivíduo de Sines; assinala a existência de um ribeiro cuja corrente forte faz trabalhar dois moinhos e aprecia, ainda, a presença de muitos castanheiros e de árvores com pêros de boa qualidade:

“Raco dista do Cercal meia Legoa para a Parte da Freguesia / de S. Luis da qual dista huma Legoa: he foreiro a Pedro [?] / H[enriques] [?] Fernandes de Sines: a Propriedade he do Lavrador Simão dos Santos / Sitio lindo por huma surgente de agoa que faz moer de / presa dois moinhos, e terreno copioso em castanheiros; e muitas arv[os]res de bons pomos, e [?] de melhores./

Á borda da corrente está hum campo de muita extensão ao porlongo, e bastante largura, cheio de sepulturas / com simplicidades primitivas, e sem ordem humas pegadas com outras / continuando e atravessando. Abriraõ-se mais de dês, todas / senhores, e tres de meninos: [rasurado] estas forradas de Lages / nos = topos, ilhargas, [?] toscas sem cortadura: / as maiores rara as tinha: as sepulturas cubertas de / pequenas lages, e pedaços de pedras: a maior lage vi ser / de seis palmos por tres, Lançadas sem mais aparato./

Tem se achado nellas tijelas, e pratos de barro cosido / mais, menos fino: alguam Conta; e martellos, é torquez / sinal de Ferrarias, e no alto. Há bastante jarra de ferro. / Tem se lhe achado vasos de vidro, e garrafinhas: hum / anel de oiro, e do mesmo huma cadeia delgada se me achou / de parecem granadas facetadas, hum ferro de Lança, e hum / simbolo da eternidade a serpente unindo a ponta da cauda / com a boca. Taõ antigas não so pela sua simplicidade, mas porq[ue] raro ossinho se acha nestas sepulturas, o que prova / a maior antiguidade antes dos gregos. Coisa de Letras não vi /, tendo a [...] de assistir às aberturas pelo espaço de / tres horas. Se não vendo valor grande numerário, poe certo / o seo filologico, e serve sempre o [?] do meo S. Sisenando.” (BPE, Cód. CXXIX/1-21, fl.75)

Cenáculo dá, assim, notícia de uma necrópole com muitas sepulturas, que se estendia por um terreno localizado na margem de um ribeiro, sendo “especies as mais próximas” desta linha de água (1949a, p. 229), das quais mandou abrir, no dia 24 de Outubro, mais de “dez sepulturas” (BPE, Cód. CXXIX/1-21, fl.75) e que, pelas observações que fez “no espaço de mais de três horas”, lhe pareceram “ser da mais remota antiguidade” (Cenáculo, 1949a, p. 229). Sobre a distribuição das sepulturas no terreno, apenas é possível saber que apresentavam diferentes orientações, que, na opinião do prelado, não tinham uma organização coerente e que algumas estariam “pegadas” entre si. Quanto à arquitectura, Cená-

culo informa que se trata de sepulturas escavadas na terra (ou na rocha), forradas com lajes toscas e que apenas algumas conservavam restos das lajes de cobertura, pequenas e mal afeiçoadas, não havendo nelas qualquer vestígio de inscrições. A única informação métrica sobre os vestígios é relativa a uma grande laje de cobertura, que media seis palmos de comprimento (*ca.* de 1,32 m) por três de largura (*ca.* de 0,66 m) (op. cit., p. 229).

No que se refere aos objectos encontrados, a descrição é genérica, dando conta que no interior das sepulturas foram encontrados objectos metálicos – dos quais dois são classificados como um martelo e uma torquez que atribui a “ferramenta de serralharia, e ferraria” e outro seria um fragmento de um “instrumento de ferir” (ponta de lança ou espada) que terá sido desenhado para ilustrar a obra *Sisenando Mártir* (Cenáculo, op. cit., pp. 229, 238-239) –, unguentários de vidro (“fiolas lagrimatórias”) e recipientes cerâmicos, alguns com decoração a ver pela descrição:

“púcaros, tijelas, e bandejas tudo de barro, e algum mui fino, e delicado seo lavor: são linhas curtas, e maiores, e muitos círculos fechados, e pequenos. Serão insígnias dos enterrados, ou de outro serviço relativo aos defuntos, os quaes vasos logo que se expõem ao Sol, ou vento se desfazem, tendo-os porem em sombra calada secão bastantemente.” (Cenáculo, op. cit., p. 230).

Particular destaque mereceu a bracelete de bronze com representação de serpente, recolhida para o museu e mandada desenhar por Fr. Manuel do Cenáculo para ilustrar a obra acima mencionada, e da qual existem alguns desenhos entre os seus papéis. De paradeiro desconhecido, a bracelete é composta por duas serpentes com cabeças nas extremidades. No lado da abertura, as cabeças não se tocam e, no outro, a bracelete está unida por um pequeno objecto que as duas cabeças seguram com a boca (Pinto, 2002, pp. 434-435). Na mesma folha da bracelete (BPE, Cód. CXXIX/1-9), está desenhado outro objecto e, no cimo do fólio, escrito a tinta preta, pode ler-se: “Sendo possível[?], desejávamos o artigo pelo correio de segunda-feira.” De momento, ainda não é possível conhecer o autor da letra, nem

a que objecto a frase se refere, no entanto, esta informação poderá ser relevante para pesquisar o destino da peça.



Bracelete da Herdade do Raco, *Sisenando Mártir e Beja sua Pátria* (BPE, Cód. CXXIX/1-9).

Cenáculo reuniu mais informação sobre o espólio do Raco junto de habitantes locais e de correspondentes que lhe deram conta de objectos de ouro, nomeadamente um anel com uma inscrição imperceptível e um colar que intercalaria elementos de ouro com contas de pedra ou de vidro – “cadeia gargantilha de grãos facetados de matéria vidrenta parecidos com granadas” – (Cenáculo, 1949a, p. 230), que terá sido encontrado numa escavação feita no local há doze anos. Na sequência das escavações, Cenáculo incumbiu o Prior Brissos Rodrigues Simões, pároco no Cercal, de obter mais informações sobre as anteriores descobertas. A resposta foi prontamente remetida em carta datada de 9 de Novembro de 1798, com a particularidade de documentar os vestígios através do desenho de duas sepulturas, uma delas realçada com um traço mais grosso que representa o revestimento de cortiça encontrado no seu interior. Ainda que se trate de pouco mais do que um esquisso, este desenho constitui o único registo gráfico de sepulturas da Herdade do Raco de que temos notícia. Na carta, o pároco informa que as sepulturas tinham tamanhos e orientações diferentes, como se pode ver no “risco da sepultura”, e que nada mais se achou além

de uma taça de vidro que um indivíduo chamado Miguel ofereceu ao bispo de Beja (Simões, 1798, BPE, Cód. CXXVII/1-6, fls. 45-48). Esta carta permitiu esclarecer as circunstâncias de descoberta da peça de vidro⁵ e documentar a sua integração na colecção de arqueologia reunida pelo bispo de Beja e, graças à descrição que consta da publicação do *Sisenando Mártir*, foi possível identificar a taça de vidro, um objecto relativamente raro, na colecção do Museu de Évora:

“Em hum vaso de vidro do dito terreno se achão muitos círculos descritos, e no meio deles huma nodosa redonda” (Cenáculo, 1949 a, pp. 230-231).

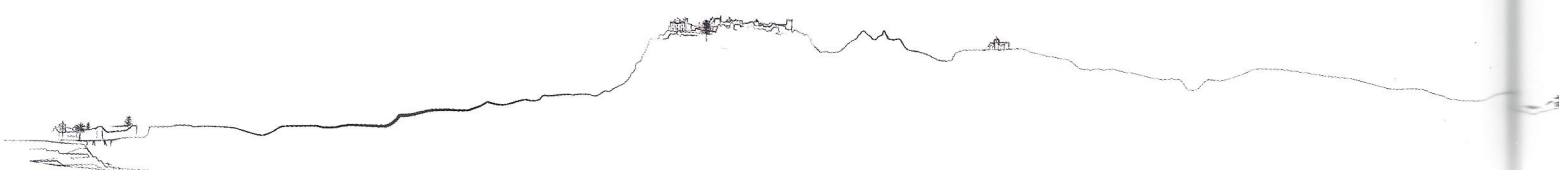
No que se refere à interpretação e à atribuição cronológica da necrópole, Cenáculo vê na pulseira de bronze, símbolo da eternidade, e, nas figuras circulares dos recipientes de barro, uma “derivação dos egípcios, ou aqui mesmo inventados, os quais descreviam no meio do círculo o nome do Rei...” (1949a, p. 230). Devido à sua percepção de simplicidade da necrópole e à não preservação dos ossos, Cenáculo presume serem as sepulturas “da maior antiguidade”, atribuindo-lhes uma origem em fenícios ou egípcios. Com efeito, sem excluir a forte possibilidade de a necrópole ter sido utilizada durante um período de tempo dilatado, as peças sobre as quais se tem informação com alguma consistência podem ser genericamente enquadradas no período romano, como parece ser o caso da pulseira de bronze (Pinto, 2002, p. 434-435), ou mesmo a descrição do anel e do colar de ouro, e como é, certamente, o caso do vaso de vidro agora identificado, cuja cronologia aponta para o final do período romano, entre meados do século III e inícios do século V.

4. A lápide dedicada a Esculápio

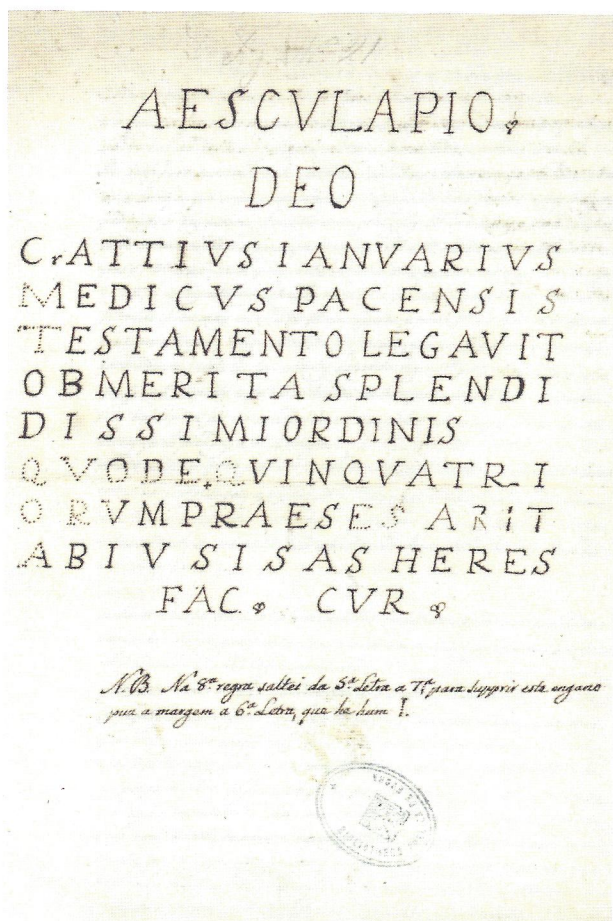
A mais conhecida inscrição romana de Miróbriga é, sem dúvida, a dedicada a Esculápio, mandada lavar por Gaio Átio Januário, um *medicus Pacensis*, que deixa um legado testamentário ao “conselho municipal” para a realização dos festejos em honra da divindade (Encarnação, 1984, pp. 218-220, IRCP 144; Encarnação, 1996, p. 133). Quando, na década de 1980, foi retirada

da parede do edifício onde estava engastada, verificou-se que, afinal, não se tratava de uma lápide, mas, sim, de uma ara, que poderá ter pertencido a um santuário (Encarnação, 1996, pp. 137-138; Encarnação, 2008, p. 221). Esta epígrafe foi alvo de atenção por parte do marquês de Abrantes que a apresentou, a 31 de Julho de 1721, no discurso que proferiu na Conferência da “Academia Real de Historia Portugeza”, dando apenas conta que a mesma se encontrava na vila de Santiago do Cacém, eventualmente, na “escada exterior da casa de Camera” como menciona João Baptista de Castro na sua obra *Mappa de Portugal Antigo e Moderno* (1762, p. 22). Os dados são demasiado lacónicos para se saber se aquela localização corresponde à fachada do antigo hospital onde José Cornide a observou, em Outubro de 1799, e que é também referida por Bernardo Falcão, também no virar do século, no manuscrito *Memorias sobre a Antiga Mirobriga*, publicado, mais tarde, em diversos números do jornal *Nossa Terra* (Falcão, 1932, n.º 14, p. 2). José Cornide copiou a inscrição e descreve a lápide como sendo de mármore branco, quadrada, partida ao meio e com dois pés de largura (Abascal & Cebrián, 2009, pp. 572-573).

Naturalmente que a inscrição que se encontrava na “Praça de S. Tiago de Cassem” não passou despercebida ao bispo de Beja, nem aos seus colaboradores. Entre o fundo documental de D. Fr. Manuel do Cenáculo, encontram-se diversos desenhos da epígrafe que ilustraria o manuscrito *Sisenando Mártir* com o n.º 21 (BPE, Cód. CXXIX/1-9; Cenáculo, 1947b, p. 359, Cenáculo, 1949b, pp. 437-438). Permanece, porém, a dúvida sobre quando e quem realizou a transcrição da epígrafe, se poderia ser atribuída ao próprio Cenáculo, a um dos seus correspondentes ou a um dos religiosos que o acompanhava nas visitas a Sines e a Santiago do Cacém, ainda que exista, pelo menos, um rascunho que aparenta ter sido feito pelo bispo. No âmbito da presente pesquisa, foi identificado um pequeno opúsculo no acervo documental da BPE, da autoria de Manuel Álvares, redigido em Beja e datado de 5



de Setembro de 1802, intitulado *Clarezas sobre a Lapida, Inscrição, Sua Cópia, e Supplemento* (BPE, Cód. CXXIX 1-10, n.º 21), o qual acrescenta alguns elementos novos sobre a historiografia da peça e, simultaneamente, levanta algumas questões, nem todas resolvidas. Trata-se de um pequeno estudo da inscrição estruturado, como o próprio título indica, em quatro partes, acompanhado da cópia da epígrafe. Como era prática na época, a cópia consistiu na reprodução do texto gravado, em letras maiúsculas, tal como se apresenta no monumento, incluindo a pontuação. Nos casos em que as letras não estavam visíveis devido ao mau estado de conservação, representou os caracteres que supôs terem sido gravados por meio de linhas pontilhadas.



Cópia da inscrição dedicada a Esculápio. *Clarezas sobre a Lapida, Inscrição, Sua Cópia, e Supplemento*, de Manuel Álvares, de 5 de Setembro de 1802 (BPE, Cód. CXXIX 1-10, n.º 21, fl. [3]).

Não se pretende apresentar o documento de forma exaustiva, nem entrar em matéria de leitura ou interpretação do texto, mas apenas destacar alguns aspectos do documento relevantes para a historiografia do monumento. O local onde se encontrava a epígrafe é indicado com significativo rigor, informando, ainda, que tinha sido mudada da fachada do edifício para a parede da frente da varanda quando foi construído o hospital, o que, a confirmar-se, terá ter ocorrido logo após 1780, data em que a Misericórdia adquiriu o imóvel que alugava desde 1770, e onde fez obras para ampliação do hospital (Silva, 1869, pp. 121 e 146).⁶

“Estava antes na parede, fronteira as casas antigas da Camara de Santiago de Cassem, / nas quaes se fez modernamente o Hospital, entã se mudou para o frontespicio do balcaõ deste Lugar, pois, ali se acha mettida, e comoda para se lêr.” (BPE, Cód. CXXIX 1-10, n.º 21, fl. [1])

Além da informação sobre as dimensões, sensivelmente dois palmos e meio de cada lado, ou seja, aproximadamente 55 cm, é feita uma observação bastante pormenorizada do estado de conservação da lápide, onde as zonas partidas ou danificadas são identificadas através do número da linha (que designa como regra) e da letra:

“... a Lapida está inteiramente partida em duas entre as re/gras 8.ª e 9.ª, e as três ultimas Letras da regra 9.ª; a parte superior por negligencia do / pedreiro ficou mais estendida para a esquerda (...) e a inferior / consequentemente mais estendida para a direita (...), por isso os pedaços dellas, / que ficaraõ na parte inferior da Lapida partida, não correspondem aos da Supe/rior: na Lapida, por ter servido de alvo, se achão vários Sinaes de chumbo: três / Letras foraõ picadas, a 5.ª da regra 3.ª; a 7.ª da regra 8.ª; e a 11.ª da regra 9.ª.” (BPE, Cód. CXXIX 1-10, n.º 21, fl. [1]).

Prossegue com uma breve descrição do tipo de letra, da forma como o texto está organizado dentro do campo epigráfico, enumerando as palavras que lhe oferecem dúvidas de leitura e de interpretação. Manuel Álvares revela uma certa preocupação metodológica e “científica”, manifestada na ênfase que dá ao rigor da observação directa da epígrafe e da cópia da inscrição (que serviria para corrigir os erros que considera terem sido cometidos por outros “copiadores”, particu-

larizando a cópia feita pelo Marquês de Abrantes) e na submissão das suas propostas de leitura ao escrutínio dos críticos e dos mais entendidos na matéria:

“Foi feita, há hum anno, no principio de Setembro do 1801 a vista do original, que observei / três vezes devagar e atentamente em presença de pessoas autorizadas e intelligen/tes, que concordaraõ comigo: pelo que posso afirmar com verdade, que esta minha Co/piã é exactissima, (...) e pode servir de re/gra Segura para correjir os erros do traslado, impresso no Tomo 1.º da Collecção / de Memorias da Academia Real Portuguesa no fim da Conferencia de 27 de Julho de 1722’, / e dos manuscritos, que todos São moder-nos e anteriores ao meo.”

“Tem os Criticos ampla matéria para mostrar a sua erudição naõ só descobrindo os de/feitos do meo Suplemento, e ensinando me outro mais próprio e natural, mas prin/cipalmente resolvendo as duvidas, que podem ocorrer sobre a intelligencia de / alguãs palavras, que tem diversos significados e relações: desta qualidade são as se/guintes = *Ob merita splen-didissimi Ordinis*=, que podem entenderse pelos merecimen/tos da Corporaçãõ Medica, ou da Ordem primaria dos moradores de Santiago de Cassem.” (BPE, Cód. CXXIX 1-10, n.º 21, fl. [2]).

Sobre este documento, impunha-se, desde logo, procurar esclarecer duas questões: “Quem era Manuel Álvares?” e “Em que circunstância fez a cópia e o estudo da epígrafe?”. Como a data indicada para a observação directa da inscrição é princípios de Setembro de 1801, e ainda que não seja especificado o dia, fica claro que Manuel Álvares esteve em Santiago do Cacém na mesma altura em que Cenáculo se encontrava nesta vila para a comemoração da sagração da igreja matriz, pois esta jornada decorreu entre os dias 1 e 18 de Setembro desse ano. Sendo o opúsculo escrito em Beja, admite-se que o seu autor seja um clérigo ou um ordinando que acompanhou o bispo na jornada a Santiago do Cacém, hipótese que parece ser confirmada pelo documento encontrado num dos volumes do *Diário de Cenáculo*, no qual o nome Fr. Manuel Álvares figura numa lista de promovidos a Ordens Menores, tendo recebido *prima tonsura* e a nomeação de subdiácono, em cerimónia datada de 13 de Março de 1802, presidida pelo ainda bispo de Beja e já

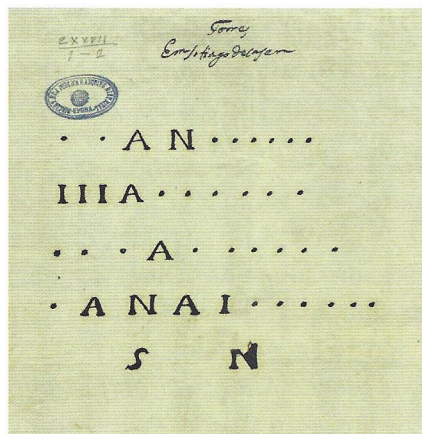
eleito arcebispo de Évora (BPE, Cód. CXXIX/1-21, fl. 253v.).

Apesar de a presente cópia ser muito idêntica à figura n.º 21 do manuscrito *Sisenando Mártir* (BPE, Cód. CXXIX/1-9), e mesmo excluindo o lapso anotado à margem do texto por Manuel Álvares (a ausência de um “l” na 6.ª letra da 8.ª linha), devido à data em que foi feita, não pode ter sido esta a cópia usada como base para o desenho do manuscrito de Cenáculo. Embora o texto seja idêntico, alguns detalhes apontam para que a imagem publicada na década de 1940 no *Arquivo de Beja* não corresponda à figura que originalmente iria ilustrar a publicação, como foi, aliás, notado por Joaquim Caetano em relação a outras imagens (2005, p. 52).

5. A ara da Herdade da Cascalheira e a inscrição de Torres

Testemunha da forma diligente como os colaboradores de Cenáculo procuravam reunir informações e antiguidades, é a carta remetida de Santa Margarida do Sado, por António Joaquim Castão Farto, datada de 26 de Julho de 1780, relativa ao orçamento das obras a realizar na igreja paroquial e que dá conta de um conjunto de epígrafes de diferentes proveniências. A carta acompanha o envio, para Beja, de duas lápides da igreja de São João Baptista (São João dos Azinhais), no Torrão, conforme diligência solicitada pelo bispo, lamentando o remetente não as poder acompanhar. Acrescentou na remessa a oferta de uma campanha encontrada num freixo e de dois documentos com cópias de inscrições romanas que lhe foram dadas por um “cavalheiro” do Torrão, “... tiradas por seu Avô...” e que se verifica serem do território de Santiago do Cacém. Uma, aparentemente inédita e de paradeiro desconhecido, tem a indicação de proveniência de “Torres Em Santiago do Cacém”, topónimo ainda não identificado no terreno, e estaria mal conservada, pois apenas foram copiados alguns caracteres, distribuídos por cinco linhas (Farto, 1780, BPE, Cód. CXXVII 1-2, fl. 78). A outra cópia é relativa à epígrafe encontrada na Herdade da Cascalheira,

em Santo André, já estudada e publicada (Falcão [et al.], 1988, pp. 37-49) e, igualmente, de parafiteiro desconhecido.



Cópia de inscrição de Torres, Santiago do Cacém. Carta de António Joaquim Castão Farto, de 26 de Julho de 1780 (BPE, Cód. CXXVII 1-2, fl. 78).

A documentação da Herdade da Cascalheira é composta por uma folha com o desenho da lápide e a cópia da inscrição, executado pelo sargento-mor do corpo de Ordenanças de Santiago do Cacém, Pedro de Sande Salles e, no verso, por um certificado notarial de Francisco Louzeiro Zuzarte do Roboredo, tabelião de Santiago do Cacém, datado de 6 de Dezembro de 1724, que atesta a existência de uma ara funerária romana no moinho da Herdade da Cascalheira, propriedade do capitão António Dias Borralho, de Sines (BPE, Cód. CXXVII/1-20, fls. 74-74v.; Falcão, et al., op. cit., p. 47). A inscrição fazia parte, originalmente, de um monumento funerário decorado de grande qualidade, composto por uma base, pelo fuste onde a inscrição foi gravada e pelo capitel encimado por um frontão ornamentado com motivos vegetalistas. Como é habitual na época, as dimensões da peça são fornecidas em palmos, pelo que teria "7 palmos" de altura (ca. 154 cm), "2 palmos e 4 dedos" de largura (ca. 52 cm) e "1 palmo e 4 dedos" de espessura (ca. 30 cm). Os autores do seu estudo admitem, apesar do cuidado e do realismo com que o sargento-mor procurou registar a inscrição, alguns erros na transcrição que condicionaram a sua leitura.

Não obstante o carácter funerário da epígrafe ser evidente, o restante texto é problemático, colocando os autores a hipótese de se tratar de uma inscrição dedicada a Quinto Múrico Aniano, de 19 anos, filho de Marco, (Falcão [et al.], 1988, p. 45), datável do século II d.C. (Encarnação, 1996, pp. 139-140).



Cópia de inscrição da Herdade da Cascalheira. Carta de António Joaquim Castão Farto, de 26 de Julho de 1780 (BPE, Cód. CXXVII/1-2, fl. 74).

6. Bonifácio Gomes de Carvalho e as escavações em Miróbriga

Foi André de Resende, um humanista do século XVI, o primeiro a identificar o local das ruínas do "Castelo Velho", junto de Santiago do Cacém, como sendo a cidade romana de Miróbriga referida pelo autor latino Plínio, correspondência que, apesar de levantar algumas dúvidas, continua a ser a hipótese mais plausível perante os elemen-

tos disponíveis. Na conferência que o Marquês de Abrantes fez na Academia Real da História Portuguesa, deu conta da sua deslocação às ruínas da antiga cidade de Miróbriga, na qual diz que dos muros, torres, fonte, aqueduto e ponte mencionados por Resende apenas viu a fonte. A “antiga Santiago do Cassem” era, naturalmente, do conhecimento de Fr. Manuel do Cenáculo e mereceu a sua atenção ainda antes de ir para Beja, fruto do interesse que as ruínas despertavam junto dos seus colaboradores locais. Em Lisboa, interessa-se por sítios emblemáticos como as ruínas do teatro romano e as termas da rua da Prata, postas a descoberto pelo terramoto de 1755 e pelas obras de reconstrução da cidade, e dispõe de uma colecção de numismas que contava, pelo menos, com uma moeda de prata de Miróbriga, com efígie do imperador Aureliano, que lhe tinha sido enviada, em 1774, pelo pároco de São Teotónio, José Gaspar Simões, e encontrada pelo Dr. José Felício Falcão “dentro dos muros da antiquíssima Merobrica”:

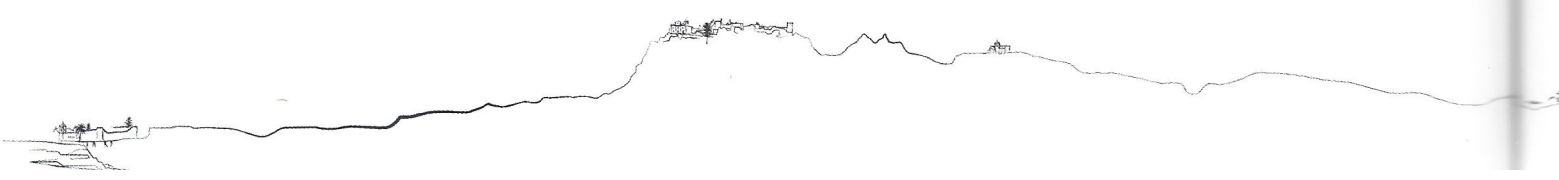
“ há muitos vestígios de casas e de oficinas de fabri/cas, e os de muros de huma grande fortaleza, que hoje se cha/ma o Castello de S. Brás de uma Êrmida, que nelle está dedi/cada ao mesmo santo. Neste Castello teve huma grã/de pedra de sepultura com hum epitáfio Latino. Neste / mesmo Castello achou o Dr. Jose Felicio Falcão, natural da / ditta villa, e Relator desta notícia, a medalla de prata, / que remeto, inclusa nesta.” (BPE, Cód. CXXVII/2-3, fl. 311).

A moeda acompanha o documento *Addição á Notícia dos Monumentos antigos* (BPE, Cód. CXXVII 2-3, fls. 307, 308, 311-312v.), no qual também informa do aparecimento de vestígios antigos em Grândola, em Alcácer do Sal, em Viana do Alentejo, e, especialmente, em Beja, revelando, ele próprio, uma interessante rede de contactos e um afã na recolha de informações. Sobre Miróbriga, compara a moeda a outra encontrada na boca de uma mina de Grândola e acrescenta que a partir desta “famosa cidade” se construiu “o grande, e forte” castelo de Santiago do Cacem, cujos muros, à data, “se conservaõ quasi ilesos”, e que espera mais informações sobre a cidade de “Merobrica”, bem como de um suposto templo de Diana, nas ribeiras do Sado junto a Alcácer do

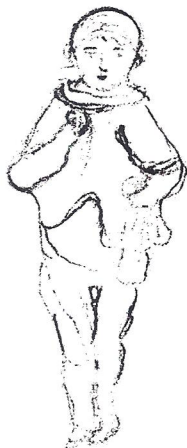
Sal. Este texto é uma continuação de outro documento que ofereceu a Cenáculo, a *Memória sobre os monumentos antigos*, no qual estuda uma anta da região da Guarda, descrita com particular rigor, sendo um dos primeiros a fazer escavações neste tipo de monumentos pré-históricos, à época considerados altares pagãos (Fabião, 1989, pp. 21-23; Vilhena, [s.d.]; Vilhena, 2014).

Também Fr. Bernardo Falcão, que fazia parte dos ilustres locais com quem o bispo se relacionava, e que era proprietário da Quinta dos Olhos Bolidos, onde Cenáculo chegou a pernoitar durante as suas estadas em Santiago do Cacém, dedica ao prelado o estudo *Memórias sobre a Antiga Mirobriga*, que terá concluído em finais do século XVIII (Falcão, 1931-1932).⁸ Da antiga cidade situada junto à ermida de São Brás, Bernardo Falcão menciona inúmeras moedas – “muitas medalhas do tempo da Republica, muitas dos Emperadores, (...) infinitas consulares” (1932, n.º 14, p. 3) –, cantaria lavrada, vestígios de um antigo castelo, “algumas estátuas que já em nossos tempos teem sido apresentadas à Real Academia de Lisboa” (1931, n.º 10, p. 3; 1931, n.º 12, p. 4), um templo a Esculápio no tempo dos romanos (1932, n.º 14, p. 3), e, ainda, dois objectos de paradeiro desconhecido, uma escultura de Vulcano (1932, n.º 14, p. 3) e uma pedra com a inscrição PORTA CIVITA[TIS], que teria sido encontrada por Fr. Alexandre da Sagrada Família, que viria a ser bispo de Angola, quando observou o sítio, no ano de 1775 (1931, n.º 12, p. 4).

Em 1798, por ocasião da visita ao *Museu Sesinando Cenaculano Pacense*, em Beja, José Cornide y Saavedra descreveu e desenhou uma pequena escultura de bronze representando um Hércules juvenil proveniente de Miróbriga (Abascal & Cebrián, 2009, p. 411), que foi possível identificar na actual colecção do Museu de Évora.⁹ Para a visita a Miróbriga, Cornide ter-se-á baseado na obra de André de Resende, porém, o viajante não tinha informação sobre a sua localização exacta e procurou os vestígios da cidade romana no local do castelo de Santiago do Cacém onde, apesar de malogradas as expectativas, julgou



ter reconhecido uma parte da muralha romana, reaproveitada na muralha moderna (Abascal & Cebrián, op. cit., p. 571).



Escultura de bronze representando um Hércules juvenil proveniente de Miróbriga, desenhado por José Cornide (Abascal & Cebrián, 2009, p. 411).

Entre os colaboradores locais de Cenáculo, é, sem dúvida, Bonifácio Gomes de Carvalho, prior de Santiago do Cacém, o que mais se destaca; um homem da confiança do bispo, que foi responsável pela coordenação das obras de reconstrução da igreja matriz e pelas escavações em Miróbriga, iniciadas em 1801 e retomadas em 1808, e que beneficiava da sua protecção.¹⁰ Era natural da freguesia de Santo André, em Estremoz, filho de Tomé Rodrigues de Carvalho e de Francisca Eufrásia e foi freire da ordem de São Tiago (ADE, 1777, Mç. n.º 93, Proc. n.º 759). Conforme notícia publicada na *Gazeta de Lisboa*, em parte confirmada pelos processos de colação disponíveis no Arquivo Distrital de Évora, Gomes de Carvalho exerceu a sua carreira eclesiástica na qualidade de pároco em oito paróquias distintas, três no bispado de Beja e cinco no arcebispado de Évora ([s.n.], 1820, pp. [2-3]; ADE Cx. 31, Doc. 1440; [1786-1787], Cx. 33, Doc. 1494; Cx. 33, Doc. 1505; [1808], Cx. 38, Doc. 1688; [1814], Cx. 40, Doc. 1735). Começou como beneficiado da colegiada da igreja de Santo Antão, em Évora, entre 1778 e 1781, ano em que vai para Roma e de onde regressa ao fim de três meses. Foi pároco

na igreja de São Barnabé, em Almodôvar, sendo depois aprovado para a igreja de São João da Palma, em Alcácer do Sal, em Fevereiro de 1783. Em 1787, foi nomeado para a igreja matriz da vila de Cabrela e, ainda no mesmo ano, para a igreja de Nossa Senhora da Purificação da Represa no termo de Montemor-o-Novo, transitando, em 1794, para o priorado de Santiago do Cacém. Em 1808, regressa ao arcebispado de Évora, onde se encontrava D. Fr. Manuel do Cenáculo, para a igreja paroquial de São Tiago, em Évora, no rescaldo da tomada e saque da cidade pelos franceses, incluindo o saque da biblioteca e do museu. Em 1814, já depois da morte de Cenáculo, é nomeado para a Sé de Évora, cidade onde faleceu a 23 de Outubro de 1825.

Em 1801, após a conclusão das obras de reconstrução da igreja matriz, que muito terão ocupado o prior da vila, Fr. Manuel do Cenáculo e o P.º Bonifácio Gomes de Carvalho promovem as primeiras escavações arqueológicas em Miróbriga de que há registo, dirigidas, no terreno, pelo pároco de Santiago. No manuscrito intitulado *Descobrimiento da Moróbriga*, Gomes de Carvalho relata as escavações, que decorreram entre os dias 23 e 27 de Novembro desse ano, com detalhes sobre as estruturas, as dimensões e os materiais construtivos, os quais permitiram identificar, tanto quanto possível, o local da escavação e representar as estruturas postas a descoberto em desenho da autoria de Raquel Ventura.¹¹

“No dia 23 de Novembro de 1801, dei principio a descubrir parte das / ruinas da Morobriga, ou antiga Povoação de Sant’Jago de Cassem, /a principiandose a excavação no Sitio chamado = Castelo velho= junto / da mais descuberta parede, que está no alto do mesmo Castelo, logo / quazi à flor da terra, e na fundeira de menos de hum palmo, se descu/brio hũ degrao de 18 palmos de comprido, e prosseguindo na descubrição, / se foraõ achando mais degraos ate sinco, do mesmo tamanho, e tem / estes parede de huã, e outra parte, feita de Cantaria grossa, que foi / cuberta de reboco de cal e area, pois que há pedaços delle;” (BPE, Cód. CXXIX/1-13, fl. 1).

Esta descrição situa a escavação na zona mais elevada, correspondendo o muro que aflorava à superfície do terreno à parede sul do templo

dedicado ao culto imperial, ainda sem a monumentalidade que lhe foi conferida pelos restauros levados a cabo por D. Fernando de Almeida. Os cinco degraus, com 18 palmos de comprimento cada um, ladeados por dois muros de alvenaria, correspondem às medidas das escadas centrais de acesso ao templo, hoje parcialmente conservadas.

“E no fim / dos cinco degraus, está huã sala, de 24 palmos de comprimento, e 18 / de largo, que foi em outro tempo asoalhada de boas lajes, ou pedras azues, / da grossura de dois dedos, na qual caza só em o canto da direita, / junto do ultimo degrao, achei huã das taes lajes, ou pedras azues, ain/da asentada em huã espece de betume, ou masame vermelho, (...). A tal lage, ou pedra / achada tem 4 palmos de comprimento e 2 e meio de largo, que rezervo em res/guardo.” (BPE, Cód. CXXIX/1-13, fl. 1).

O espaço acima descrito corresponde ao pavimento do patamar superior que seria revestido com grandes lajes “azues”, muito provavelmente de mármore de Trigaches, como testemunhava uma junto do último degrau. Actualmente, apenas se conservam restos da argamassa vermelha onde assentariam as lajes. O relato fornece alguns dados sobre como seriam, em termos muito gerais, os estratos arqueológicos que preenchiem os compartimentos. Nos primeiros degraus, jun-

de um grande derrube formado por muito caliço e entulho, entre os quais encontrou pedaços de capitéis, de lajes de revestimentos em mármore e de tijolos de quadrante utilizados na construção de colunas, etc.:

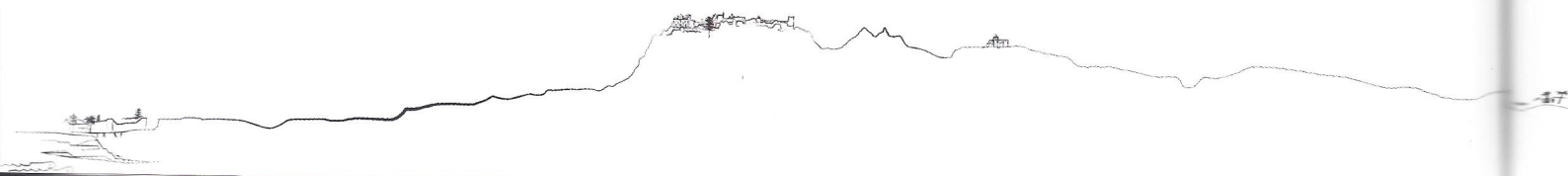
“entre muito Caliço, / e entulho, se acharaõ muitos pedaços de Simalhas, capiteis Lavrados, e de relevado, e taobem lizas pedras de marmore branco, [...] Taobem se acharaõ muitos adobes, / de figura redonda, esta dividida em quatro partes, que indicaõ haverem / Servido em Columns, outros mais adobes redondos taobem, mas / em duas metades, e outros quadrados; e tantos Saõ já, que tres / Carretas, naõ os Carregaõ.” (BPE, Cód. CXXIX/1-13, fl. 1).

Progride na escavação e põe a descoberto os degraus que, descendo do lado direito do patamar superior, dão acesso à praça do fórum, ladeados por paredes com restos de reboco que os escavadores tentaram partir para colocar a alvenaria à vista:

“Para / a parte direita, segue-se huã escada de nove degraus de cantaria; // pedra amarelada grosseira / de 5 palmos de largo: tem parede de huã, / e outra parte, que acaba na flor da terra, e formada de cantaria gro/Seira, com entremeio de alguãs fiadas de adobes grossos. Estas pa/redes, foraõ rebocadas, e ainda nellas há alguns pedaços de reboco / muito grosso, e duro, que Custa a partir.” (BPE, Cód. CXXIX/1-13, fl. 1v.).



Vista do “Castelo Velho” de Miróbriga. Fotografia de D. Fernando de Almeida.



No final dos degraus, encontrou um pequeno vestíbulo, “da largura das escadas”, também pavimentado com lajes de mármore, com paredes conservadas a uma altura aproximada de 2,40m e onde o pároco depreende ter havido uma porta, que fecharia o que viria a saber-se ser o acesso da praça para o templo, devido à presença de três marcas de ferros chumbados na parede do lado esquerdo e ao aparecimento de um “aldrabagato” (ferrolho). Mais uma vez, o prior relata a existência de fragmentos de capitéis, de estuques e de inúmeras lajes de mármore que originalmente revestiam as paredes, algumas com as marcas de fixação. Como os elementos arquitectónicos não decorados ou sem inscrições não eram valorizados, devem ter permanecido junto da escavação devido à dificuldade de transporte ou foram levados, ao longo do tempo, para reaproveitamento em novas construções: “No mesmo dezentulho apareceraõ alguns pedaços de simalhas, e capitéis, formados de alvenaria, ou estuque, de que conservo três maiores” (BPE, Cód. CXXIX/1-13, fl. 4).

Os objectos desenhados por Gomes de Carvalho foram todos recolhidos no final das escadas que ligam à grande praça e são acompanhados de anotações sobre a cor das pedras, as zonas fracturadas, as medidas e algumas características particulares. Trata-se, quase exclusivamente, de fragmentos de epígrafes ou de elementos arquitectónicos decorados e escultóricos, nomeadamente uma cabeça de águia com a representação dos olhos (n.º 1); cinco fragmentos de inscrições (n.º 2 a n.º 5 e uma não numerada – IRCP 150, pp. 150-151), sendo que dois eram fragmentos da mesma lápide e poderiam fazer parte da inscrição dedicada ao imperador Aureliano (n.º 3 e n.º 4 – IRCP 149 F, p. 227); uma bola de pedra muito dura (n.º 6); um fragmento de capitel decorado (n.º 8); um fragmento de friso decorado (n.º 9) e uma pedra que não está desenhada (n.º 7), que pertenceria a um fragmento de braço ou perna de escultura, que, na parte superior, “... pegava em corpo, e na mais delgada, que é a inferior, continuava ou pé, ou dedos...” (BPE, Cód. CXXIX/1-13, fls. 3-5, R). D. Fernando de Almeida, citando o P.º António

Macedo e Silva, alude a uma figura da “divindade protectora dos jardins” – Vénus – encontrada pelo prior e que terá sido levada por Cenáculo (Silva, 1843, p. 121; Almeida, 1964, p. 60). Esta informação oferece-nos, porém, algumas reservas atendendo a outras incorrecções presentes no artigo de Macedo e Silva, relacionadas com a data da primeira escavação (que indica ter sido em 1800), com os materiais recolhidos nas duas campanhas e com a atribuição a Gomes de Carvalho da autoria de identificação da inscrição da PORTA CIVITA[TIS], a qual, segundo Bernardo Falcão, em memória redigida antes das escavações em Miróbriga, foi encontrada por Fr. Alexandre da Sagrada Família, em 1775. Poderá, afinal, a figura de Vénus ser simplesmente o fragmento de braço ou de perna mencionada no *Descobrimento da Moróbriga*?



Excerto de folio do *Descobrimento da Moróbriga*, do P.º Bonifácio Gomes de Carvalho, [1801] (BPE, Cód. CXXIX/1-13 P.II, fl. R).

Infelizmente, das escavações feitas em Janeiro de 1808, altura em que Cenáculo já se encontrava à frente do arcebispado de Évora, apenas se

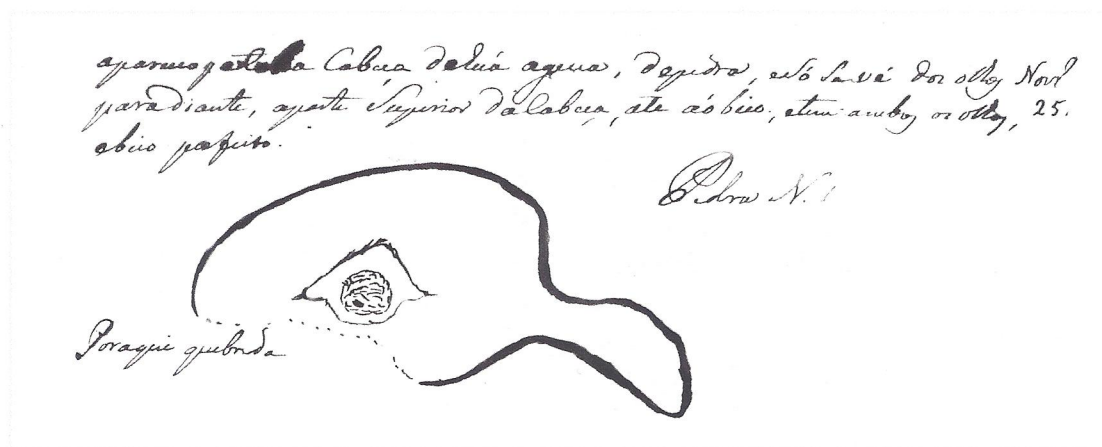
conhecem as cópias das inscrições que constam do documento intitulado *Mappa das Pedras Com inscripçoens* (BPE, Cód. PLXV, fls. 1-8), que Bonifácio Gomes de Carvalho ofereceu ao arcebispo:

“Que foraõ achadas na escavaçaõ, feita / no Sitio da Morobriga, vulgo, Castello velho / junto da Ermida de S. Bras, freguezia / da Villa de Sant-Jago de CaSsem / no mês de Janeiro do anno de / 1808 / Que offerece ao *Illustríssimo Excelentíssimo Senhor Dom Fr. Manoel / do Cenaculo Villas Boas, Metropolitano Arcebispo / de Evora, o Seo mais obedientíssimo, e reverente Ve/nerador, Bonifacio Gomes de Carvalho, Prior / da ditta Villa.*” (BPE, Cód. PLXV, fl. 1).

Os desenhos das cinco cópias são acompanhados de uma espécie de legenda com informação sobre as suas dimensões, fornecidas em palmos, e de uma breve descrição da moldura, sendo que apenas os exemplares completos foram numerados. Em finais do mesmo século, estas inscrições foram publicadas por Emilio Hübnér na extensa obra *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Mais tarde, foram sistematizadas por José d’Encarnação na obra *Inscrições Romanas do Conventus Pacencis* (IRCP, 145, 147, 156, 157 e 158) e o documento do *Mappa das Pedras* foi recentemente publicado (Cesário & Fragoso, coord., 2010). Trata-se, na sua maioria, de inscrições funerárias, duas são simultaneamente votivas e teriam dimensões relativamente idênticas, que variavam entre os “4 palmos” e os “5 palmos de alto” (aproximadamente, entre os 88 e os 108 cm de altura), “3

palmos de largo” (ca. de 66 cm de largura) e “2 palmos e meio de grossura” (ca. 33 cm de espessura). Apenas a “Quinta pedra” não tinha moldura à volta do campo epigráfico e a primeira, consagrada a Vénus (IRCP, 147), apresentava também moldura dos lados e uma figura gravada que o prior interpretou e desenhou como sendo duas palmas. As outras “pedras” que Gomes de Carvalho não numera são dois fragmentos, um recolhido em 1801 e o outro em 1808, que, segundo o próprio, fazem parte do mesmo monumento por serem da “mesma qualidade e grossura (...)”, e a moldura do mesmo feitio” (BPE, Cód. PLXV, fl. 8; IRCP 150, p. 330-331), hipótese que tem sido considerada verosímil, apesar de algumas reservas (Encarnação, 1984, p. 230). O texto inscrito é de grande importância e apenas a identificação das lápides permitiria confirmar as dúvidas de leitura e de interpretação, relacionados com o estatuto municipal outorgado a Miróbriga e a elevação a município ao tempo dos Flávios (Encarnação, 1996, p. 133).

O manuscrito de Gomes de Carvalho revela um particular cuidado com o rigor do desenho e das observações, mas também uma preocupação estética com o aspecto do documento que oferece a Cenáculo. Na representação das molduras das lápides originais, distingue as que tinham moldura lisa da que tinha moldura “lavrada” através do preenchimento do espaço da mesma, no entanto, as molduras desenhadas fazem, simultanea-



Excerto de folio do *Descobrimeto da Moróbriga*, de P.^o Bonifácio Gomes de Carvalho, [1801] (BPE, Cód. CXXIX/1-13 P.II, fl. 3).

mente, parte da composição gráfica, formando uma cercadura à volta da página (mesmo na quinta lápide, que não era emoldurada), dentro da qual o prior segue o mesmo critério de apresentação e de organização do espaço: o número da “pedra”, seguido da cópia do texto epigrafado (onde são visíveis as linhas que usou como guias), e, abaixo, a legenda com os dados da lápide.

P. LXV
16. 2. 1808

Mappa das Pedras

Com inscripções

Que foram achadas na escavação, feita
no Sítio da Miróbriga, vulgo, Castello velho,
junto da Ermida de S. Bras, freguesia
da Villa de Sant-Iago de Cesarem
no mês de Janeiro do anno de

1808

Que oferece ao M^o e Sr. Dom F. Manuel
do Coutinho Villas Boas, Thesopolitano Archivo
de Evora, o seu mais obedienssimo, e humilde
servador Bonifácio Gomes de Carvalho, Prior
da dita Villa.

Primeiro fólio do documento *Mappa das Pedras*, etc., cit., redigido pelo P.^o Bonifácio Gomes de Carvalho, [1808] (BPE, Cód. PLXV, fl. 1).

À falta de mais informação além do *Mappa das Pedras*, é difícil compreender as circunstâncias de descoberta das lápides, o seu destino e por que motivo foram feitas reproduções de cinco epígrafes autênticas e levadas para o chafariz de Nossa Senhora do Monte. Como tem vindo a ser defendido (Almeida, 1964; Encarnação, 1984, 1996; Barata, 1994), as reproduções terão sido mandadas fazer pelo próprio Cenáculo, como parece atestar uma folha do seu espólio que contém o texto para uma lápide invocativa, alusiva à cópia de

sete lápides encontradas em Miróbriga de 1808 (IRCP 145, 147, 156, 157 e 158), mandadas fazer a expensas suas:

AS SETE LAPIDAS, AQUI COLO: /²CADAS, COM DESPEZA DO EX[CELENTISSI]^{MO} / ³E R[EVERENDISSI]^{MO} S[ENH]^{OR} ARCEB[ISP]^O D[E] EVORA, D[OM] F^R[EI] MA/⁴NOEL DO CEN[ACUL]^O V[ILL]^{AS} BOAS, FORAÕ /⁵ DESCUBERTAS NO SITIO DA / ⁶MEROBRICA NO ANNO DE / ⁷1808 (BPE, Cód. P. LXIV, fl 1.)

O texto, que não deve ter sido gravado, parece conter um lapso quanto ao número de lápides mandadas copiar porque, das sete, duas eram fragmentos da mesma epígrafe. Todavia, outra inscrição foi lavrada numa lápide prismática e de dimensões semelhantes às dos monumentos epigráficos, como se de uma lápide romana se tratasse, mandada fazer pelo próprio Cenáculo ou por Gomes de Carvalho (Cesário e Fragoso, coord., 2010, p. 2), assinalando a transladação das lápides encontradas em Miróbriga, e que se encontra depositada no Museu Municipal de Santiago do Cacém:

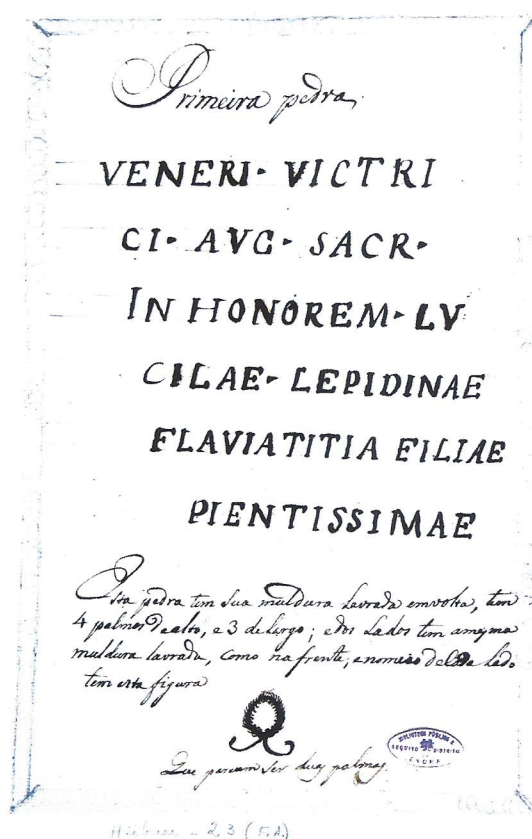
PRECIOSOS MO/²NUM[EN]^{TOS} DA ANTIGU[IDAD]^E / ³TRASLADADOS DAS / RUINAS DA ANTIGA / ⁴MIROBRIGA / ⁵A. D. 1809. / ⁶P.O.D.P.

A partir dos escassos dados disponíveis, presume-se que as lápides tenham aparecido na continuação da zona que foi escavada em 1801, ou seja, já na zona da praça do fórum. A ideia, veiculada por alguns autores, de que as lápides apareceram numa zona abobadada, (Leal, 1880, p. 32; Almeida, 1964), com paredes “coroadas por uma cimalha primorosamente lavrada” (Leal, op. cit.), deve resultar de um equívoco com origem no texto escrito pelo P.^o António Macedo e Silva na revista *O Panorama*, em 1843, e que contém outras incorrecções. A descrição que faz do local onde foram encontradas – “... o resultado [das escavações] foi achar-se uma escada de pedra, que finalizava em uma casa cuja abobada estava cahida” (p. 121) –, baseia-se no relato das escavações de 1801, porém, Bonifácio Gomes de Carvalho não menciona a uma abóbada caída no final das escadas e esta ideia parece ter sido depreendida por Macedo e Silva devido à descrição de muitos “adobes” (tijolos) nos “entulhos”.

Como indica José d'Encarnação a propósito destas inscrições de Miróbriga, é interessante, do ponto de vista da história da cultura e da história da epigrafia, a prática de execução de cópias de textos autênticos antigos (1996, pp. 137-138), que, embora não seja generalizada, não deixa de ser uma característica do século XVIII, com tradições mais recuadas, que, em outros países europeus, por motivos diversos, era bastante mais expressiva, especialmente no fabrico de réplicas de objectos de valor ou de peças artísticas, tais como esculturas (Luzón Nogué, 2003).

Quanto ao destino das lápides originais, desconhece-se se terão ficado em Santiago do Cacém e se Fr. Manuel do Cenáculo terá mandado fazer as réplicas apenas para que não se perdessem os textos no caso de um eventual desaparecimento dos autênticos, ou se os originais foram levados, o que justificaria o fabrico de cópias para figurarem num espaço público da vila. Não existem elementos seguros sobre a data em que as cópias foram colocadas no chafariz da Senhora do Monte e se este foi o primeiro local para onde foram levadas, em 1809. Segundo Pinho Leal, que as toma por autênticas, até Setembro de 1871, data que "se fez a obra do chafariz de Nossa Senhora do Monte, pela repartição das obras públicas" com materiais fornecidos pela Câmara, as lápides estavam em redor do largo do chafariz, de onde foram "removidas e mutiladas", encontrando-se "embutidas no frontão do novo chafariz, mas privadas dos ornatos que tinha em volta das inscrições." (Leal, op. cit., p. 23). Colocam-se algumas reservas quanto ao grau desta afectação porque, atendendo aos desenhos do *Mappa das Pedras* de Gomes de Carvalho, à dimensão e aparência da face exposta das lápides que estão encastradas no chafariz e à cópia depositada no Museu Nacional de Arqueologia, não parecem ter existido ornatos em volta das inscrições. Quanto à réplica que se encontra neste museu, a mesma foi obtida em Julho de 1905, pelo seu director, José Leite de Vasconcelos, que a solicitou ao Presidente da Câmara Municipal de Santiago do Cacém (DGPC, MatrizNet, MNA, Inv. n.º E 5317).

Ainda não se conseguiu localizar o paradeiro dos objectos recolhidos nas escavações que Bonifácio Gomes de Carvalho fez em Miróbriga. Das escavações de 1808, apenas há registo das lápides, mas é natural que tenham sido descobertos outros artefactos, os quais seriam enviados para Évora, onde Cenáculo tinha a sua biblioteca e museu, cidade para a qual o prior de Santiago do Cacém se mudou nesse mesmo ano. Apesar de não se encontrarem entre a colecção do Museu de Évora, é possível que os objectos exumados em 1801 tenham sido enviadas para o museu em Beja e depois transferidos para Évora, no entanto, não será descabido supor que alguns dos objectos recolhidos nas duas intervenções possam ter ficado à guarda de P.º Bonifácio Gomes de Carvalho, em Santiago do Cacém, e que hoje estejam desaparecidos.



Fólio da primeira inscrição do *Mappa das Pedras*, etc., cit., do P.º Bonifácio Gomes de Carvalho, [1808] (BPE, Cód. PLXV, fl. 2).

7. Notas finais

A documentação e os objectos acima apresentados são bem demonstrativos de como, desde o início do seu mandato à frente da diocese, Fr. Manuel do Cenáculo se fez reunir de um grupo de colaboradores e correspondentes, sobretudo párocos, que lhe enviavam antiguidades e o mantinham informado sobre os achados que eram feitos nas suas e em paróquias vizinhas, fazendo dele uma espécie de percursor do que viria a ser o labor de Leite de Vasconcelos, cem anos mais tarde, na aquisição de peças para o Museu Arqueológico e Etnológico, embora, aqui, já com outro enquadramento conceptual e com a ambição de abranger todo o território nacional. Leite de Vasconcelos refere-se, aliás, a Cenáculo como o “fautor dos estudos archeologicos em Portugal nos fins do século XVIII e princípios do XIX” (1985, p. 338). A conjugação de vários factores terá facilitado e contribuído para o sucesso desta “rede” de colaboradores entre os párocos locais, tais como a reforma dos estudos eclesiásticos que o bispo instituiu na diocese com vista à formação de um clero esclarecido; o recrutamento de religiosos entre homens da terra, mais próximos das populações e conhecedores do território; e, em alguns casos, a nomeação para o exercício de funções em diferentes paróquias, onde replicavam o trabalho de “pesquisa arqueológica”, alargando a sua “influência” a outras áreas do bispado.

Os materiais provenientes da região de Santiago do Cacém revelam as preferências de Cenáculo, que se enquadram no que era o espírito e o gosto predominante da época, onde o texto escrito, presente nas epígrafes, ainda prevalece, mas que se alarga a outros vestígios materiais do passado que se situam no que é um âmbito cronológico mencionado no *Alvará sobre a conservação dos monumentos antigos*. Entre eles, contam-se objectos que Cenáculo atribuía a gregos e a fenícios, moedas, esculturas e epígrafes romanas, objectos cristãos como as inscrições góticas e as imagens de santos levadas da igreja matriz de Santiago, etc. Atendendo ao número de monumentos epigráficos deste território que são dados a

conhecer, não deixa de ser curioso observar que nem Cenáculo nem os seus colaboradores, particularmente Gomes de Carvalho, deixaram registos de ensaios de leitura ou de interpretação das inscrições copiadas, à excepção do esmerado documento de Manuel Álvares sobre a lápide de Esculápio e das brevíssimas notas que Cenáculo dedica a este monumento.

A acção de Cenáculo e dos seus colaboradores neste território é ilustrativa da sua actividade arqueológica e colecionista, ainda muito influenciada por uma lógica de colecionismo de objectos epigráficos e numismáticos, e do início de uma nova atitude perante os vestígios do passado. O saber não estava encerrado nas fontes escritas, nem nos sítios arqueológicos emblemáticos. Para o estudo e interpretação das ruínas, não bastava reunir os objectos, era necessário procurar informações novas, fazer escavações, observar os factos e documentar os achados, sendo a imagem, cada vez mais, valorizada como documento e ferramenta para a pesquisa arqueológica.

Do ponto de vista do rigor colocado na documentação das escavações e dos objectos arqueológicos, mais do que Fr. Manuel do Cenáculo, é Bonifácio Gomes de Carvalho que se destaca no território de Santiago do Cacém e a sua actuação em Miróbriga é exemplo dos tempos de mudança. Embora longe do rigor científico a que a disciplina arqueológica obedece actualmente, no *Descobrimento da Moróbriga*, o pároco faz o relato diário da progressão dos trabalhos, a descrição das estruturas e dos materiais construtivos, fornece dimensões, desenha e descreve os objectos recolhidos e transmite uma ideia, ainda que genérica, da localização “estratigráfica” de alguns objectos. A narrativa transparece o entusiasmo com que fez a escavação, à qual pretendia regressar quando as chuvas permitissem, seguro de que muito mais descobrirá, especialmente “quando o objecto dezafia a curiosidade” (BPE, Cód. CXXIX/4-13 P.II, fl. 5). Embora privada de dados sobre as escavações, a documentação das lápides apresentada no *Mappa das Pedras* é de um grande cuidado e reflecte, natu-

ralmente, a importância dada aos monumentos epigráficos, também enquanto documentos relevantes para a história, mesmo que Gomes de Carvalho não tenha avançado na leitura das epígrafes.

Os relatos de viagem têm assumido uma importância crescente como fontes históricas, o que está bem patente no território de Santiago do Cacém, nomeadamente nos registos de José Cornide, que permitiram a identificação da taça de vidro da Herdade do Raco, da lucerna com dois bustos do Monte do Roxo, da pequena estatueta de Hércules de Miróbriga e ainda de uma ponta de seta de cobre, com 10 cm de comprimento, que observou no museu de Beja, e que indica ser identificada como sendo de Santiago do Cacém. A peça integra a actual colecção do Museu de Évora (Inv. n.º 8997) e parece corresponder a uma ponta de “tipo Palmela”, atribuível ao final do período Calcolítico/inícios da Idade do Bronze.

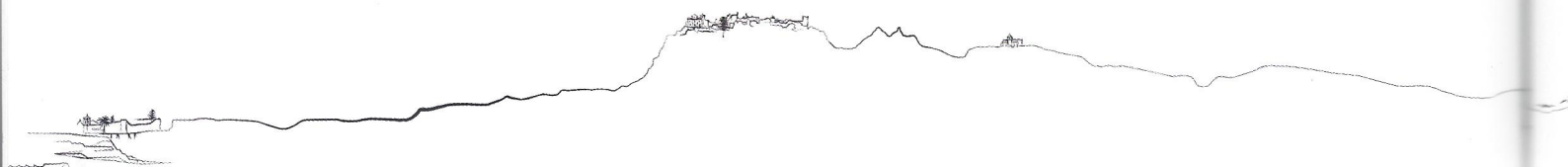
No litoral do bispado, Cenáculo encontrava em alguns objectos e escavações provas da existência de populações “da maior antiguidade”, ou seja, anteriores aos romanos, entre as quais figuravam algumas das peças que recolheu nas sepulturas da Herdade do Raco, como a pulseira de bronze com o “símbolo da eternidade” representado na serpente, que atribuía a fenícios ou egípcios, ou já a populações autóctones (de tradição orientalizante). Na lucerna paleocristã de Tróia, com o motivo hebraico da Vinha Miraculosa, Cenáculo encontra prova da recuada ocupação deste lugar (Caetano, 2005, p. 52) que identifica como a cidade romana de *Cetobriga*, que teria sido fundada por Tubal, um neto de Noé, após o dilúvio universal, hipótese para a qual concorreria também o nome da povoação moderna que lhe é fronteira, Setúbal.

Ainda na continuidade de humanistas como André de Resende e Fr. Bernardo de Brito que intentavam localizar as povoações mencionadas pelas fontes clássicas, é a partir dos vestígios que observava no terreno que Cenáculo tenta fazer a sua identificação nos textos clássicos como sucedeu, por exemplo, em relação a Beja (*Conis-*

torgis), ou ao Monte do Roxo, onde coloca a hipótese de se situar *Oxthracas*, apoiado na produção cartográfica de geógrafos coevos, não sem discutir os argumentos a favor desta se localizar no Roxo ou em Vila Nova de Milfontes, como apontava José Cornide.

O discurso que Cenáculo (e outros estudiosos seus contemporâneos) produz sobre os artefactos e a origem e antiguidade das populações enquadra-se no universo mental e cultural da época, dominado pelo paradigma bíblico da criação e que não dispunha, ainda, dos mecanismos necessários para reconhecer o quão remota é a origem das sociedades e o seu complexo processo evolutivo. Não obstante o enquadramento conceptual e o que hoje sabemos serem incorrecções históricas (por exemplo, a atribuição cronológica e cultural de algumas peças), a argumentação e a erudição de Cenáculo são baseadas num sólido conhecimento histórico, teológico e linguístico e na observação dos factos, nos quais se inscrevem os vestígios materiais do passado. No entanto, o objectivo da sua acção vai além da produção de conhecimento, como assinala Gama Caeiro. A preocupação cultural de Cenáculo desdobrava-se em dois planos: de um lado, no “progresso do conhecimento científico histórico e, muito especialmente o da pesquisa arqueológica e bibliográfica”, e, de outro, o ideário iluminista da utilidade e da necessidade de aproveitamento concreto desses conhecimentos, aplicado, antes de mais, na formação do seu clero (Caeiro, 1994, p. 372), mas também no progresso social e cultural através da educação, como era, aliás, apanágio do museu e da biblioteca-museu que fundou em Beja e em Évora, respectivamente. A actuação e pensamento de Cenáculo, o *bispo arqueólogo*, manifestam uma simbiose entre a tradição humanista, o racionalismo e o ideário iluministas e a fidelidade à ortodoxia católica, na qual os vestígios do passado e a pesquisa arqueológica ocupam um lugar central, e para quem “os restos da humanidade são cinzas sagradas de grão respeito...”.

MANUELA DE DEUS



- ¹ Sobre o colecionismo de Fr. Manuel do Cenáculo e a cultura europeia do século XVIII, *cfr.*, nesta obra, pp.17-20 e Brigola, 2003.
- ² Sobre biografia de Fr. Manuel do Cenáculo, *cfr.*, nesta obra, pp. 13-15.
- ³ Sobre o enquadramento da jornada a Sines de 1798 *cfr.*, nesta obra, pp. 23-27.
- ⁴ Sobre lucerna do Monte do Roxo, *cfr.*, nesta obra, p. 86.
- ⁵ Sobre vaso de vidro e carta com risco de sepultura da herdade do Raco, *cfr.*, nesta obra, p. 87
- ⁶ António Macedo e Silva confirma que, até 1844, a lápide se encontrava na parede da frente da varanda que dava acesso ao interior do edifício por meio de duas escadas, altura em foram demolidas e a epígrafe transferida para a parede oriental do edifício (Silva, 1869, p. 121; Encarnação, 1996, p. 137; Barata, 1998, p. 22).
- ⁷ Deve tratar-se de um lapso porque a lápide de Esculápio foi apresentada pelo marquês de Abrantes na conferência de 31 de Julho de 1721 e republicada em 1727.
- ⁸ Sobre Fr. Bernardo Falcão, *cfr.*, nesta obra, pp. 41-62.
- ⁹ Sobre estatueta de Hércules de Miróbriga, *cfr.*, nesta obra, p. 89.
- ¹⁰ Sobre Bonifácio Gomes de Carvalho, *cfr.*, nesta obra, pp. 41-62.
- ¹¹ Agradece-se a Raquel Ventura a elaboração do desenho e a sua publicação no presente catálogo.



Desenho da zona de acesso ao templo romano escavada, em 1801, pelo P.º Bonifácio Gomes de Carvalho, feito a partir do relato da escavação do *Descobrimento da Moróbriga*. Aguarela sobre papel, 2015. Autoria de Raquel Ventura.

Abreviaturas e símbolos

ACMSC – Arquivo da Câmara Municipal de Santiago do Cacém
 ADPHADB – Arquivo do Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja
 ADB – Arquivo Distrital de Beja
 ADE – Arquivo Distrital de Évora
 ADS – Arquivo Distrital de Setúbal
 AFCME – Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora
 AHRSA – Arquivo Histórico da Real Sociedade Arqueológica Lusitana
 ANTT – Arquivo Nacional Torre do Tombo
 APSC – Arquivo da Paróquia de Santiago do Cacém
 BAC – Biblioteca da Academia das Ciências
 BHMAFBC – Biblioteca dos Herdeiros do Prof. Doutor Manuel António Falcão Beja da Costa
 BPE – Biblioteca Pública de Évora
 CHAM – Centro de História d’Aquém e d’Além Mar
 CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Cultura e Sociedades
 CMSC – Câmara Municipal de Santiago do Cacém
 DGPC – Direção-Geral do Património Cultural
 DPHADB – Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja
 DRCALEN – Direção Regional de Cultura do Alentejo
 FCSH-UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa
 IRCP – Inscrições Romanas do *Conventus Pacensis*
 ME – Museu de Évora
 MNA – Museu Nacional de Arqueologia
 UAç – Universidade dos Açores

A. – Altura
apud – Conforme
 C. – Comprimento
ca. – Cerca de
 cm – centímetros
 Coord. – Coordenação
 Cx. – Caixa
 Dir. – Direção
 Doc. – Documento
 Ed. – Edição
et al. – e outros

fl. – fólio
 g – Gramas
Ibidem – No mesmo lugar (na mesma obra e página)
Idem – Do mesmo autor
 Inv.^o – Inventário
 L. – Largura
 Mç. – Maço
 Op. cit. – Citação extraída da obra anteriormente citada
 Org. – Organização
 P. – Peso
 Pr. – Profundidade
 S.a. – Sem autor
 S.d. – sem data
 S.l. – sem local
 S.n. – sem nome, sem editor
 v. – Verso
 Vol. – Volume
 Ø – diâmetro
 * – Nascimento
 ✕ – Morte

Fontes e bibliografia

Fontes Manuscritas

(1845) – *Itinerários da villa de Santiago do Cacém à vila de Cercal, passando pelo Momte das Mudás e Monte do Freixo e fazendo parte de huma das Estradas de Setúbal a Vila Nova de Milfontes*. 1.^o divisão militar - subdivisão ao Sul do Tejo. Itinerário n.^o 7. Datado de 27 de Agosto de 1845.

ADB

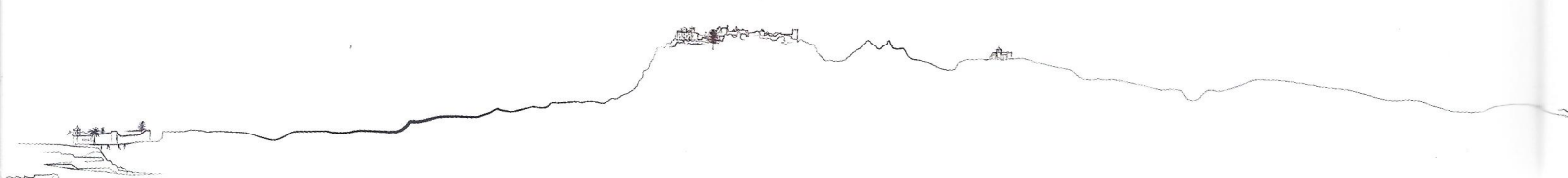
(1777) – *Inquirição de Genere de José Caetano da Fonseca*. [Emlinha].PT/ADBJA/DIO/CEBJA/002/07, Cx.66. Disponível em <http://digitarq.adbja.arquivos.pt/viewer?id=1074282>.

ADE

[1773-1776] – *Processo de Habilitação “De Genere” de Bonifácio Gomes de Carvalho*. ADEVR/FE/DIOCEEVR/A/012/0759, Mç. n.^o 93, Proc. n.^o 759.

[1783] – *Processo de Colação de Bonifácio Gomes de Carvalho*. 13-01-1783 a 1802-1783. ADEVR/FE/DIOCEEVR/N/001/01440, Cx.31, Doc. 1440.

(1786-1787) – *Processo de Colação de Bonifácio Gomes de Carvalho*. 29-10-1786 a 10-01-1787. ADEVR/FE/DIOCEEVR/N/001/01494, Cx. 33, Doc. 1494.



(1787) – *Processo de Colação de Bonifácio Gomes de Carvalho*. 23-08-1787 a 10-01-1787. ADEVR/FE/DIOCEEVR/N/001/01505, Cx. 33, Doc. 1505.

(1808) – *Processo de Colação de Bonifácio Gomes de Carvalho*. 02-10-1808 a 07-12-1808. ADEVR/FE/DIOCEEVR/N/001/01688, Cx. 38, Doc. 1688.

(1814) – *Processo de Colação de Bonifácio Gomes de Carvalho*. 07-01-1814 a 20-01-1814. ADEVR/FE/DIOCEEVR/N/001/01735, Cx. 40, Doc. 1735.

ADS

(1771-1805) – Paróquia de Cercal. *Baptismos*. 28-07-1771 a 10-03-1805. [Em linha]. ADSTB/PRQ/PSTC03/001/00005. Disponível em <http://digitarq.adstb.arquivos.pt/details?id=1210685>.

(1775-1826) – Paróquia de São Bartolomeu da Serra. *Baptismos*. 03-1775 a 12-05-1826. [Em linha]. ADSTB/PRQ/PSTC08/001/0000624. Disponível em <http://digitarq.adstb.dgarq.gov.pt/details?id=121138>.

(1775-1800) – Paróquia de Santiago do Cacém. *Baptismos*. 05-04-1775 a 06-09-1800. ADSTB/PRQ/PSTC06/001/00007. Disponível em <http://digitarq.adstb.dgarq.gov.pt/details?id=1210968>.

(1800-1814) – Paróquia de Santiago do Cacém. *Baptismos*. 07-09-1800 a 29-09-1814. [Em linha]. ADSTB/PRQ/PSTC06/001/00008. Disponível em <http://digitarq.adstb.dgarq.gov.pt/details?id=1211004>.

(1798-1844) – Paróquia de Roxo. *Baptismos*. 17-09-1798 a 22-03-1844. [Em linha]. ADSTB/PRQ/PSTC12/001/00004. Disponível em <http://digitarq.adstb.arquivos.pt/details?id=1211855>.

AHRSA

AHRSA, *Livro das Visitações e Provisões da Paróquia de São Bartolomeu da Serra, 1748-1866*, fls. 72-72v.

ANTT

Mesa da Consciência e Ordens, Conventos Diversos – Ordem de Santiago, *Visitações*, ANTT, n.º B-50-167, fl. [5].

TÁVORA, Manuel Coelho de Sampayo e (1758) – [Memória Paroquial de] Santiago do Cacém, Ourique. *Diccionario Geográfico do P.º Luís Cardoso*. [Em linha]. ANTT, MPQR/9/187, pp. 1215-1222. Disponível em <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4239545>.

BHMAFBC

FALCÃO, Bernardo [s. d.] – *Memorias sobre a Antiga Mirobriga*.

APSC

CARVALHO, Bonifácio Gomes de (1800) – *Vizitas do Ex.º e Rev.º Snr. Ordinario e nelle está escripta a Função da Sagração da Jgr.º Matris em o pr.º Dom.º 7 de Setembro do anno de 1800*, fls. 57-58v.

CENÁCULO, D. Fr. Manuel do (1781) – *Pastoral. Vizitas do Ex.º e Rev.º Snr. Ordinario e nelle está escripta a Função da Sagração da Jgr.º Matris em o pr.º Dom.º 7 de Setembro do anno de 1800*, fls. 53-54.

BAC

SALGADO, Vicente (1787) – *Catalogo Historico dos Escretores da Congregação da Terceira Ordem de Portugal*. Biblioteca da Academia das Ciências, Ms. 505 V.

BPE

[s.a.; s.d.] – *Lapides do Museu Sisenando Cenaculano Pacense: Álbum das antiguidades Lusitanas e Luso-romanas*. BPE, Cód. CXXIX/1-4.

[s.a.; s.d.] – [Réplica das Sete Lápides Descobertas em Miróbriga no ano de 1808]. BPE, Cód. P. LXIV, fl. 1.

ÁLVARES, Manuel (1802) – *Clarezas sobre a Lapida, Inscrição, Sua Cópia, e Supplemento*. Beja, 5 de Setembro de 1802. BPE, Cód. CXXIX 1-10, n.º 21.

BRANDÃO, Elói José de Sousa (1796) – [Pública-forma sobre o achamento das Relíquias do Santo Lenho]. Santiago do Cacém, 28 de Novembro de 1796. BPE, Cód. CXXIX/1-21, fls. 210-211.

CARVALHO, Bonifácio Gomes de (1796) – [Carta a D. Fr. Manuel do Cenáculo sobre o achamento das relíquias do Santo Lenho]. Santiago do Cacém, 7 de Dezembro de 1796. BPE, Cód. CXXIX/1-21, fls. 212-213.

CARVALHO, Bonifácio Gomes de ([1801]) – *Descobrimto da Moróbriga*. BPE Cód. CXXIX/1-13 P.II, fls. 1-5.

CARVALHO, Bonifácio Gomes de [1808] – *Mappa das Pedras Com inscripçoens*. BPE, PLXV, fls. 1-8.

CENÁCULO, Manuel do (1785) – *Aviso dirigido ao Sr. Prior da Matriz e Vigário Confessor do Conservatório da Vila da Vidigueira, 4 de Agosto*. BPE, Cód. CXXVIII/2-9, fls. 408-408 v. (cópia).

CENÁCULO, Manuel do – *Diário de D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas, Bispo de Beja e Arcebispo de Évora*. BPE, Cód. CXXIX/1-19.

CENÁCULO, Manuel do – *Diário de D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas, Bispo de Beja e Arcebispo de Évora*. BPE, Cód. CXXIX/1-20.

CENÁCULO, Manuel do – *Diário de D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas, Bispo de Beja e Arcebispo de Évora*. BPE, Cód. CXXIX/1-21.

CENÁCULO, Manuel do ([1800]) – *Sisenando Mártir e Beja sua Pátria. A Vida de S. Sisenando*. BPE, Cód. CXIX/1-9.

CORNIDE Y SAAVEDRA, José (1800) – [Carta a D. Frei Manuel do Cenáculo]. Lisboa, 28 de Abril de 1800. BPE, Cód. CXXVII/2-3, fl. 194.

CORNIDE Y SAAVEDRA, José (1800) – [Carta a D. Frei Manuel do Cenáculo]. Lisboa, 14 de Agosto de 1800. BPE, Cód. CXXVII/2-3, fl. 209.

FALCÃO, Fr. Bernardo (1796) – [Carta a D. Fr. Manuel do Cenáculo sobre o achamento das relíquias do Santo Lenho]. Santiago do Cacém, 30 de Novembro de 1796. BPE, Cód. CXXIX/1-21, fls. 214-215.

FARTO, António Joaquim Castão (1780) – [Carta a D. Fr. Manuel do Cenáculo sobre inscrições do Torrão, de Torres e da Herdade da Cascalheira]. Santa Margarida do Sado, 26 de Julho de 1780. BPE, Cód. CXXVII/1-2, fls. 72-76v.

M[ENDON]ÇA, João Falcão Murz[ell]o; LOBO, Fernando do

Reboredo Luz[ei]ro; S[IL]VA, Joaquim Antó[ni]o Mone[ei]ro (1796) – [Carta da Câmara de Santiago do Cacém a D. Fr. Manuel do Cenáculo sobre o achamento das relíquias do Santo Lenho, com Pública-forma anexa]. Santiago do Cacém, 28 de Novembro de 1796. BPE, Cód. CXXIX/1-21, fls. 210-211, 216.

SIMÕES, Brissos Rodrigues (1798) – [Carta a D. Fr. Manuel do Cenáculo com o risco da sepultura encontrada na Herdade do Raco]. Cercal, 9 de Novembro de 1798. BPE, Cód. CXXVII/1-6, fls. 45-46v.

SIMÕES, José Gaspar (1774) – *Adição à Notícia dos Monumentos antigos*. São Teotónio, 1 de Dezembro de 1774. BPE, Cód. CXXVII 2-3, fls. 307, 311-312v.

Fontes iconográficas

[s.a.; s.d.] – *Estampa Santiago Mata-mouros*. BPE, G 127, Estampa Quarta.

[S.a, s.d.] – *Pintura de D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas, arcebispo de Évora*. Évora, Biblioteca Pública de Évora.

PADRÃO, António Joaquim (ca. 1770) – D. Fr. Manuel do Cenáculo Villas Boas, bispo de Beja. Beja, Museu Rainha D. Leonor.

Fontes cartográficas

FOLQUE, Filipe de Sousa, dir. (1877) – *Carta Corográfica de Portugal*. Direcção dos Trabalhos Geodésicos do Reino, escala 1:100000, folha n.º 31.

FOLQUE, Filipe de Sousa, dir. (1877) – *Carta Corográfica de Portugal*. Direcção dos Trabalhos Geodésicos do Reino, escala 1:100000, folha n.º 34.

LOPEZ, Juan (1789) – *Mapa de la Lusitania antigua, con su correspondencia moderna / por Don Juan Lopez; dedicado al excelentísimo señor don Joseph Moñino*. [Em linha]. Escala [ca 1:1800000]. [Madrid]: [s.n.]. BNP (cota CC-741-V). Disponível em <http://purl.pt/21800/2/>.

PERY, Gerardo, dir. (1892) – *Carta Agrícola e Corográfica de Portugal*. Direcção Geral de Agricultura, escala 1:50 000, folha n.º 188.

Fontes impressas

[s.a.] (1820) – *Gazeta de Lisboa*. 24 de Outubro de 1820, Lisboa, n.º 256, pp. [2-3].

ANJOS, António Rebêlo dos (1933) – *A Igreja Matriz de Sant'Iago de Cacém (Apontamentos Histórico-Litúrgicos)*. Santiago do Cacém: Tip. A Gráfica.

BLUTEAU, (1716) – *Vocabulario portuguez & latino, Lisboa*. [1712-1728]. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sílvia, vol. V, p. 649.

[CARVALHO, Bonifácio Gomes de] (1800) – *Suplemento à Gazeta de Lisboa*, 3 de Outubro de 1800. Lisboa, XXXIX p. [4].

CASTRO, João Baptista de (1762) – *Mappa de Portugal antigo e moderno*. 2.ª ed. [Em linha]. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, T. 2. Disponível em http://purl.pt/436/3/hg-4124-v/hg-4124-v_item3/index.html#/44.

CENÁCULO, Manuel do (1794) – *Memorias históricas, e appendix segundo a disposição quarta da colecção das disposições do Superior Provincial para a observância, e estudos da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco*. Lisboa: Na Regia Officina Typografica. T. 2.

[CENÁCULO, Manuel do] (1813) – *Graças concedidas por Christo no Campo de Ourique, acontecidas em Outros Tempos, e repetidas no Actual, conformes aos Desenhos de suas Idades*. Lisboa: Na Impressão Régia.

CENÁCULO, Manuel do (1844) – *As letras na Ordem Terceira de S. Francisco de Portugal*. Org. J. H. da Cunha Rivara. Lisboa. *O Panorama*. S. 2, 3.

DAMÁSIO, Manoel de São Caetano (1793) – *Thebaida portugueza: compendio Historico da Congregação dos Monges de Jesu Christo da Serra de Ossa Chamada depois de S. Paulo de Eremita*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho [1880] – *Portugal Antigo e Moderno. Dicionario geográfico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal, etc.* Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, vol. 9.

MACHADO, Cyrillo Volkmar (1922) – Carlos Mardel. In CARVALHO, J[oaquim] M[artins] Teixeira de; CORREIA, Vergílio, org. – *Collecção de Memorias Relativas ás Vidas dos Pintores, e Escultores, Architetos, e Gravadores Portuguezes, e dos Estrangeiros, que estiverão em Portugal*. 2.ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, p. 155.

MURPHY, James Cavanah (1795) – *Travels in Portugal; through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the years 1789 and 1790*. [Em linha]. London: A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies. Disponível em http://purl.pt/17093/4/hg-8756-a_PDF/hg-8756-a_PDF_24-C-R0150/hg-8756-a_0000_Obra%20Completa_t24-C-R0150.pdf.

RIBEIRO, João Pedro (1879) – *Cartas de J. P. Ribeiro ao Arcebispo Cenáculo. Boletim de Bibliografia Portuguesa*. Coimbra. 1 : 1 (jan. 1879) pp. 9-14; 1 : 2 (fev. 1879) pp. 33-36; 1 : 4 (abr. 1879) pp. 68-72; 1 : 5 (maio 1879) pp. 90-92; 1 : 6 (jun. 1879) pp. 107-108; 1 : 7 (jul. 1879) pp. 120-123; 1 : 8 (ago. 1879) pp. 207-212.

SALGADO, Vicente (1793) – *Compendio histórico da Congregação da Terceira Ordem de Portugal*. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

SILVA, António de Macedo e (1843) – *O Castello de Santhiago de Cacem. O Panorama*. 22 de Abril, S. 2, vol. II, pp. 121-122.

SILVA, António Macedo e (1866) – *Annaes do Municipio de Sanct-Yago de Cassem*, Beja: Typ. Sousa Porto Vaz.

SILVA, António de Macedo e (1869) – *Annaes do Municipio*

de Sant'Iago de Cacem. 2.^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional.
SIMÕES, Augusto Filipe (1869) – *Relatório acerca da renovação do Museu Cenáculo: dirigido ao Ex.^{mo} Sr. Visconde da Esperança, presidente da Camara Municipal de Évora*. Évora: Typ. da Folha do Sul.

SIMÕES, Augusto Filipe (1868) – *Archivo Pittoresco*. Lisboa: Typographia de Castro Irmão, vol. XI, p. 404.

VELEZ, António José da Costa (1815) – *Elogio fúnebre do Excellentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Fr. Manuel do Cenáculo Villas-Boas, Arcebispo Metropolitano d' Évora pregado nas solennes exéquias, celebradas na sua Igreja Cathedral, em 10 de Março de 1814*. Lisboa: Na Impressão Regia, p. 38, n.º 152.

VELHO, Estêvão Liz (1746) – *Exemplar da constancia dos martyres em a vida do glorioso S. Torpes*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa.

Referências bibliográficas

ABASCAL, Juan Manuel; CEBRIÁN, Rosario (2009) – *Los Viajes de José Cornide por España y Portugal de 1754 a 1801*. Madrid: Real Academia de la Historia.

ABRANTES, Marquês de (1721) – Notícias da Conferencia, que a Academia Real da Historia Portugueza fez em 31 de Julho de 1721. In *Coleção dos documentos, estatutos e memórias da Academia Real da História Portuguesa*. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva.

ALFEYEV, Hilarion (2014) – *Orthodox Christianity, III, The Architecture, Icons, and Music of the Orthodox Church*, versão inglesa, Yonkers: St. Vladimir's Seminary Press.

ALARCÃO, Adília, dir. (2001) – *Inventário do Museu Nacional de Machado Castro. Coleção de Ourivesaria Medieval – Séculos XII-XV*. [s.l.]: Junta Distrital de Setúbal.

ALMEIDA, Fernando de (1964) – *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*. [s.l.]: Junta Distrital de Setúbal.

ALMEIDA, José Antonio Ferreira (1953) – Introdução ao estudo das lucernas em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Nova Série, II. Lisboa.

ALMEIDA, Fernando Moitinho de (1995) – *Marcas de Prata Portuguesas e Brasileiras (Século XV a 1887)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

ALMEIDA, J[osé] A[ntónio] F[erreira] de (1953) – Introdução ao Estudo das Lucernas Romanas em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. 2, p. 155.

ALVES, Fernanda; MORA, Mariana (2001) – Tesouros de uma Rainha que o Tempo tornou Relíquias. In ALARCÃO, Adília, dir. – *Inventário do Museu Nacional de Machado Castro. Coleção de Ourivesaria Medieval – Séculos XII-XV*. [s.l.]: Junta Distrital de Setúbal.

ANDRADE, Manuel Ferreira de (1945) – A Igreja de Nossa Senhora de Jesus. *Olisipo*. Lisboa, XXXIII.

ANDRADE, Maria Filomena (2014) – *Isabel de Aragão. Rainha Santa, Mãe Exemplar*. Lisboa: Temas e Debates.

BARATA, António Francisco (1903) – *Catálogo do Museu*

Archeologico da cidade de Évora: anexo de sua bibliotheca. Lisboa: Imprensa Nacional.

BARATA, Filomena (1998) – *Miróbriga: Arquitectura e Urbanismo*. [em linha]. Disponível em https://www.academia.edu/807569/Mir%C3%B3briga_Arquitectura_e_Urbanismo.

BARROCA, Mário Jorge (2002) – Ourivesaria e Eborária. In ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; BARROCA, Mário Jorge – *História da Arte em Portugal. O Gótico*. Lisboa: Editorial Presença.

BRIGOLA, João Carlos Pires (2003) – *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

BRIGOLA, João Carlos (2006) – Frei Manuel do Cenáculo: Semeador de bibliotecas e de museus. O conceito de biblioteca-museu na museologia setecentista. In VAZ, Francisco A. Lourenço; CALIXTO, José António, coords. – *Frei Manuel do Cenáculo construtor de bibliotecas*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, pp. 47-55.

BRIGOLA, João Carlos (2009) – *Coleccionismo no século XVIII. Textos e Documentos*. Porto: Porto Editora.

CABRAL, Maria Luísa, ed. (2011) – *Até Roma: uma viagem com devoção, longa e árdua. Diário de Frei Joaquim de S. José em 1750*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

CABRAL, Maria Luísa (2014) – *A Real Biblioteca e os seus criadores. Em Lisboa, 1755-1803*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

CAEIRO, Francisco da Gama (1959) – *Frei Manuel do Cenáculo: aspectos da sua actuação filosófica*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.

CAEIRO, Francisco da Gama (1994) – A obra do Arcebispo D. Frei Manuel do Cenáculo à luz da cultura portuguesa. In *Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora*. Évora: Instituto Superior de Teologia, vol. 2, pp. 367-373.

CAETANO, Joaquim Oliveira; NOGALES BASSARRATE, Trinidad, coords., (2005) – *Imagens e Mensagens: Escultura Romana do Museu de Évora*. Évora: Instituto Português de Museus.

CAETANO, Joaquim Oliveira (2005) – Os Restos da Humanidade: Cenáculo e a Arqueologia. In CAETANO, Joaquim Oliveira; NOGALES BASSARRATE, Trinidad, coord. – *Imagens e Mensagens: Escultura Romana do Museu de Évora*. Évora: Instituto Português de Museus, pp. 49-56.

CAETANO, Joaquim Oliveira (2011) – Os Projectos do Arquitecto Joaquim de Oliveira para as Bibliotecas-Museu de Frei Manuel do Cenáculo. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte. n.º 8, pp. 48-69.

CAETANO, José Carlos; GONÇALVES, Luís Jorge; NOGALES BASSARRATE, Trinidad (2005) – Esculturas de pequeno formato na vida familiar. Bronzes e terracotas. In CAETANO, Joaquim Oliveira; NOGALES BASSARRATE, Trinidad, coords. – *Imagens e Mensagens: Escultura Romana do Museu de Évora*. Évora: Instituto Português de Museus, pp. 97-107.

CALABUIG, Ignacio (2000) – Dedication of the Church in

East and West, In CHUPUNGCO, Anscar J., dir. – *Handbook for Liturgical Studies, V, Liturgical Time and Space*. Collegeville: The Liturgical Press, pp. 347-348.
 CARDOSO, Arnaldo Pinto (2001) – *A presença portuguesa em Roma*. Lisboa: Quetzal.

CARITA, Hélder (2015) – *A Casa Senhorial em Portugal. Modelos, Tipologias, Programas Interiores e Equipamento*. Alfragide: Leya.

CENÁCULO, Manuel do (1946) – Sisenando Mártir e Beja sua Pátria (Cópia fiel do manuscrito assim intitulado, de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, existente na Biblioteca Pública de Évora, e considerações preliminares). DELGADO, Joaquim, ed. – *Arquivo de Beja*, vol. III (III-IV), pp. 352-362.

CENÁCULO, Manuel do (1947a) – Sisenando Mártir e Beja sua Pátria. DELGADO, Joaquim, ed. – *Arquivo de Beja*, vol. IV, (I-II), pp. 168-181.

CENÁCULO, Manuel do (1947b) – Sisenando Mártir e Beja sua Pátria. DELGADO, Joaquim, ed. – *Arquivo de Beja*, vol. IV (III-IV), pp. 352-363.

CENÁCULO, Manuel do (1948a) – Sisenando Mártir e Beja sua Pátria. DELGADO, Joaquim, ed. – *Arquivo de Beja*, vol. V, (I-II), pp. 211-224.

CENÁCULO, Manuel do (1948b) – Sisenando Mártir e Beja sua Pátria. DELGADO, Joaquim, ed. – *Arquivo de Beja*, vol. V, (I-II), pp. 464-470.

CENÁCULO, Manuel do (1949a) – Sisenando Mártir e Beja sua Pátria. DELGADO, Joaquim, ed. – *Arquivo de Beja*, vol. VI (I-II), pp. 229-240.

CENÁCULO, Manuel do (1949b) – Sisenando Mártir e Beja sua Pátria. DELGADO, Joaquim, ed. – *Arquivo de Beja*, vol. VI (III-IV), pp. 426-463.

CESÁRIO, Gentil; FRAGOSO, Rui, coord. (2010) – *Miróbriga. O Tempo ao Longo do Tempo. História e Historiografia. Investigação em Miróbriga*. Santiago do Cacém: Câmara Municipal de Santiago do Cacém.

COELHO, Maria Helena da Cruz; VENTURA, Leontina (1987a) – Vataça – Uma Dona na Vida e na Morte. In *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*. I. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Universidade do Porto, pp. 159-193.

COELHO, Maria Helena da Cruz; VENTURA, Leontina (1987b) – Os Bens de Vataça – Visibilidade de Uma Existência. *Revista de História das Ideias*. IX, 2. Coimbra, pp. 33-77.

CORREIA, José Eduardo Horta (1996) – Fabri, Francesco Saverio. In TURNER, Jane, dir. – *The Dictionary of Art*. Nova Iorque: Grove, X, p. 728, col. A.

CRUZ, Mário (2009) – O Vidro Antigo no Território Português. In *Vita Vitri. O vidro antigo em Portugal*. Lisboa: [Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, Museu Nacional de Arqueologia].

DOMINGOS, Manuela D. (2000) – *Livros de Setecentos*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

ENCARNAÇÃO, José d' (1984) – *Inscrições Romanas do Conventus Paçensis. Subsídios para o Estudo da Roma-*

nização [=IRCP]. Coimbra: [s. n.].

ENCARNAÇÃO, José d' (1988) – Epigrafia em Portugal: ciência antiga, rumos novos. *Arqueologia*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, n.º 17, pp. 204-207. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/26253>.

ENCARNAÇÃO, José d' (1996) – Problemas em aberto na epigrafia mirobrigense. *Conimbriga*. Coimbra. 35, pp. 129-146.

ENCARNAÇÃO, José d' (2008) – IRCP – 25 anos depois. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, vol. 11, n.º 2, pp. 215-230.

ESPANCA, Túlio (1966) – *Inventário Artístico de Portugal. Concelho de Évora*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, vol. VII, T. 1, col. A.

FABIÃO, Carlos (1989) – Para a história da arqueologia em Portugal. In *Penélope: fazer e desfazer a história*, 2. Lisboa: Quetzal, pp. 9-26.

FABIÃO, Carlos (2011) – *Uma História da Arqueologia Portuguesa. Das origens à descoberta da Arte do Côa*. [s. l.]: CTT Correios de Portugal.

FALCÃO, Bernardo (1931-1932) – Memórias da Antiga Miróbriga. COSTA, M. Pidwell da Costa, dir. – *Nossa Terra*. Santiago do Cacém: Empresa "Nossa Terra". n.º 10 (22-11-1931), p. 2-3; n.º 12 (25-12-1931), p. 4; n.º 14 (17-01-1932), p. 2-3; n.º 17 (28-02-1932), p. 2; n.º 18 (13-03-1932), p. 3; n.º 20 (10-04-1932), p. 3; n.º 21 (24-04-1932), p. 2; n.º 23 (22-05-1932), p. 3; n.º 28 (31-07-1932), p. 2.

FALCÃO, José António (1987) – *Memória Paroquial do Concelho de Sines em 1758*. Santiago do Cacém: Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

FALCÃO, José António (1995) – *Achega para o Estudo da Actividade do Entalhador António da Fonseca em Santiago do Cacém. A Construção do Retábulo-Mor da Igreja da Misericórdia em 1742*. Santiago do Cacém: Santa Casa da Misericórdia de Santiago do Cacém.

FALCÃO, José António, ed. (2000a) – *Entre o Céu e a Terra. Arte Sacra da Diocese de Beja* [Catálogo da Exposição, Beja, Pousada de São Francisco, 1998-1999 – Lisboa, Panteão Nacional, 2000-2001]. Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.

F[ALCÃO], J[osé] A[ntónio] (2000b) – O Culto do Santo Lenho: Génese e Desenvolvimento de Uma Devoção da Baixa Antiguidade. In FALCÃO, José António, dir. – *Entre o Céu e a Terra. Arte Sacra da Diocese de Beja* [Catálogo da Exposição, Beja, Pousada de São Francisco, 1998-1999 – Lisboa, Panteão Nacional, 2000-2001]. Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, T. II, pp. 194-203.

F[ALCÃO], J[osé] A[ntónio] (2000c) – Relicário do Santo Lenho. In FALCÃO, José António, dir. – *Entre o Céu e a Terra. Arte Sacra da Diocese de Beja* [Catálogo da Exposição, Beja, Pousada de São Francisco, 1998-1999 – Lisboa, Panteão Nacional, 2000-2001]. Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja. T. II, pp. 204-224.

FALCÃO, José António (2012a) – O Caminho e o Culto de Santiago no Alentejo Meridional. In Falcão, José



- António, dir. – *No Caminho sob as Estrelas. Santiago e a Peregrinação a Compostela* [Catálogo da Exposição, Santiago do Cacém, Igreja Matriz de Santiago Maior, 2007-2008]. Santiago do Cacém-Beja: Município de Santiago do Cacém-Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja. T. I, pp. 97-141.
- FALCÃO, José António (2012b) – Relicário do Santo Lenho. In Falcão, José António, dir. – *No Caminho sob as Estrelas. Santiago e a Peregrinação a Compostela* [Catálogo da Exposição, Santiago do Cacém, Igreja Matriz de Santiago Maior, 2007-2008]. Santiago do Cacém-Beja: Município de Santiago do Cacém-Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja. T. II, pp. 114-117.
- FALCÃO, José António; FERREIRA, Jorge M. Rodrigues, GUERRA, Amílcar; ESPÍRITO SANTO, Arnaldo (1988) – Epigrafia romana do concelho de Santiago do Cacém. A ara funerária da Herdade da Cascalheira (Santo André). In *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*. Santiago do Cacém, S. 2, pp. 37-48.
- FALCÃO, José António; PEREIRA, Fernando António Baptista (1996) – *A Imagem Gótica da Igreja de São Bartolomeu da Serra (Santiago do Cacém)*. Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.
- FALCÃO, José António; PEREIRA, Fernando António Baptista (2001) – *O Alto-Relevo de Santiago Combatendo os Mouros da Igreja Matriz de Santiago do Cacém*. Beja e Santiago do Cacém: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja e Câmara Municipal de Santiago do Cacém.
- FALCÃO, José António; PEREIRA, Fernando António Baptista (2010) – *Imaginária Gótica do Alentejo Litoral*. Beja: Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.
- F[ALCÃO], J[osé] A[ntónio]; P[ereira], R[icardo] E[stevam] (1998) – São Bartolomeu. In FALCÃO, José António, dir. – *Da Ocidental Praia Lusitana. Vasco da Gama e o seu Tempo* [Catálogo da Exposição, Sines, Castelo e Igreja de Nossa Senhora das Salas, 1998]. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pp. 164, col. A-165, col. A.
- FLOREZ, Henrique (1959) – O Bispado de Beja. *Arquivo de Beja*. S. 1, vol. XVI (I-IV), pp. 113-131.
- FRANÇA, José Augusto (1987) – *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*. 3.ª ed. Venda Nova: Bertrand Editora.
- F[РАНÇA], J[osé]-A[ugusto] (1989) – Pombalino, Estilo. In PEREIRA, José Fernandes, ed.; PEREIRA, Paulo, coord. – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, pp. 369 col. B-372, col. B.
- F[РАНÇA], J[osé]-A[ugusto] (1996) – Pombaline Style. In TURNER, Jane dir. – *The Dictionary of Art*, XXV, Nova Iorque: Grove. pp. 185, col. B-186, col. A.
- F[РАНÇA], J[osé]-A[ugusto] (2004) – *História da Arte em Portugal. O Pombalismo e o Romantismo*. Lisboa: Editorial Presença, col. A-27, col. A.
- FREITAS, Joana Gaspar de (2007) – O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. *Revista de Gestão Costeira Integrada*, n.º 7, pp. 105-115.
- GONÇALVES, Flávio (1990) – *História da Arte – Iconografia e Crítica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- GUEDES, Fernando (1998) – *Os livreiros franceses em Portugal no séc. XVIII*. Lisboa: Academia Portuguesa de História.
- GUEDES, Fernando (2000) – *Duas viagens ao Delfinado: em busca de memórias de antigos livreiros lisboetas*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, pp. 41-65.
- ISINGS, C. (1957) – *Roman Glass from dated finds*. Groningen.
- JONES, Lynn (2014) – Perceptions of Byzantium: Rade Gund of Poitiers and Relics of the True Cross. In JONES, Lynn, dir. – *Byzantine Images and Their Afterlives: Essays in Honor of Annemarie Weyl Carr*. Farnham: Ashg.
- KEIL, Luís (1943) – *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Portalegre*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, I.
- LECLERCQ, H[enri] (1948) – Reliques et Reliquaires. In CABROL, F[ernand]; LECLERCQ, H[enri] – *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*. Paris: Librairie Letouzey et Ané, XIV, col. 2349.
- LIMA, Joaquim Falcão de (2009) – *Gente de entre Searas e Montados*. Lisboa: Guarda-Mor.
- LE SARDO, Eugenio, ed. (2001) – Athanasius Kircher. In *Il museo del mondo. Machine. Esoterismo. Arte* (Actas do Congresso). Roma: Edizione de Luca.
- LUZON NOGUÉ, José María (2003) – Sobre la Copia de Antigüedades Romanas y el caso del Westmorland. In IGLESIAS, Gil, ed. – *Actas de los XIII Cursos Monográficos sobre el Patrimonio Histórico (Reinosa, julio-agosto 2002)*. Santander: Universidade de Cantabria, pp. 17-40.
- MAESTRIPIERI, Daniela; CECI, Monica (1990) – Gli OPPI: una famiglia di fabbricanti urbani di lucerne. *Journal of Roman Archaeology*. Cambridge University Press, 3, pp. 119-132.
- MAIA, Maria Garcia Pereira e MAIA, Manuel (1997) – *Lucernas de Santa Bárbara*. Castro Verde: Cortiçol.
- MARCADÉ, Jacques (1971) – D. Fr. Manuel do Cenáculo Vilas Boas Provincial des Réguliers du Tiers Ordre Franciscain 1768-1777. *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris, 3, pp. 431-458.
- MARCADÉ, Jacques (1974) – D. Fr. Manuel do Cenáculo Vilas Boas (quelques notes sur sa pédagogie). *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris, 8, pp. 605-620.
- MARCADÉ, Jacques (1976) – Les hommes et la vie dans l'Alentejo du XVIII siècle. *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris, 10, pp. 185-21.
- MARCADÉ, Jacques (1978) – *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas: Évêque de Beja, Archevêque d'Evora (1770-1814)*. Paris: Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MARQUES, A[ntónio] H[enrique] de Oliveira (1968) – Pesos e Medidas. In SERRÃO, Joel, dir. – *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, vol. III, p. 370.

- MATOS, Ana Cardoso de; CONDE, Antónia Fialho; BERNARDO, Maria Ana (2012) – O contributo dos relatos e guias de viagens para o estudo da Antiguidade Clássica no Sul de Portugal. In *Espaços e paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas: v.3 História, Arqueologia e Arte*. Coimbra: Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/31573/6/25-%20espa%C3%A7os%20e%20paisagens.pdf?ln=pt-pt>
DOI Google Scholar BibTex RTF Tagged XML RIS
- MARTINS, Ana Cristina (2005) – As ruínas de Tróia (Portugal) e o despertar da Arqueologia clássica no Portugal de oitocentos. In CABRERA VALDÉS, V.; AYARZAGÜENA, M., eds. – *El nacimiento de la prehistoria y de la arqueología científica*. Madrid: Sociedad Española de Historia de la Arqueología. (Archaia; 3-5), pp. 65-85. .
- MEDICI, Teresa (2011) – O espólio vítreo do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, vol. 14.
- MORAIS, Rui (2009) – Um caso exemplar: Cenáculo e o colecionismo no Portugal de setecentos. *CADMO, Revista de História Antiga*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 19, pp. 209-228.
- MORAIS, Rui (2011) – *A coleção de lucernas do Museu de Évora*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- NOGALES BASARRATE, Trinidad; GONÇALVES, Luís Jorge (2005) – Imagens e Mensagens: As esculturas do Museu de Évora como testemunho da romanização. In CAETANO, Joaquim Oliveira; NOGALES BASSARRATE, Trinidad, coord. – *Imagens e Mensagens: Escultura Romana do Museu de Évora*. Évora: Instituto Português de Museus, pp. 33-40.
- ORTIZ PALOMAR, María Esperanza (2001) – Vidrios procedentes de la provincia de Zaragoza: el Bajo Império romano. *Fondos del Museo de Zaragoza*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico.
- PARAFITA, Alexandre (2006) – *A Mitologia dos Mouros. Lendas, Mitos, Serpentes, Tesouros*. Canelas: Edições Gailivro.
- PATROCÍNIO, Manuel Francisco Soares do (2006) – O registo das antiguidades lusitânicas do Sul no legado documental de D. Manuel do Cenáculo. *Promontoria*, 4. Faro: Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve, pp. 17-36.
- PENALVA, Luísa; FRANCO, Anísio (2016) – Matéria e Devoção. O Tesouro da Rainha Santa. In PENALVA, Luísa, dir. – *O Tesouro da Rainha Santa. Imagem e Poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, pp. 28-32.
- PEREIRA, Gabriel (1947) – *Estudos Eborenses*. 2.ª ed. Évora: Edições Nazareth, I, pp. 130-131.
- PINTO, António José Nunes (2002) – *Bronzes Figurativos Romanos de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- QUARESMA, António Martins (1988) – Porto Covo – Um Exemplo de Urbanismo das Luzes. In *Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*. Santiago do Cacém, S. 2, vol. II, pp. 203-212.
- QUARESMA, António Martins (2013) – *Cercal do Alentejo. Notas para a sua História*. [s. l.]: Junta de Freguesia de Cercal do Alentejo.
- RAPOSO, Luís (2010) – As origens da arqueologia científica portuguesa no século XIX. In CUSTÓDIO, Jorge, coord. científica; SOROMENHO, Miguel; CORTESÃO, Maria, coord. ed. – *100 anos de Património: Memória e Identidade. Portugal 1910-2010*, pp. 47-56.
- RESENDE, André de (1996) – *As Antiguidades da Lusitânia*. ed. org. por FERNANDES, R[aul] M[iguel] Rosado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIGHETTI, Mario (1956) – *Historia de Liturgia, II, La Eucaristia. Los Sacramentos. Los Sacramentales*. Versão castelhana. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- SILVA, António Carlos (1996) – O «Primeiro Arqueólogo Português». In *A Linguagem das Coisas. Ensaios e Crónicas de Arqueologia*. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda, pp. 263-265.
- SILVA, Jorge Henrique Pais da (1973) – Igreja de Jesus ou Nossa Senhora das Mercês. In ALMEIDA, D. Fernando de, dir. – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, V. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, pp. 69-72.
- SODINI, Jean-Pierre (2002) – Marbles and Stoneworking in Byzantium: Seventh-Fifteenth Centuries. In LAIOU, Angeliki E., dir. – *The Economic History of Byzantium: From the Seventh through the Fifteenth Centur*. Dumbarton Oaks: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, pp. 129-146.
- SOUSA, Francisco Luís Pereira de (1928) – *O Terremoto do 1.º de Novembro de 1755 em Portugal e Um Estudo Demográfico, Distrito de Lisboa*. Lisboa: Tipografia do Comercio, vol. 3.
- SOUSA, J. J. Rigaud de (1966) – Inventário de materiais para a arqueologia bracarense. In *Bracara Augusta*. Braga, vol. XX, n.º 43-44 (55-56), pp. 165-178.
- VARELLA, Luís Soveral (2011) – *Os Guerreiros da Comarca de Ourique*. Património & História.
- VASCONCELLOS, António Lobo de (1984) – *Breves Notas sobre o Padre Bonifácio Gomes de Carvalho e a Igreja do Castelo, Matriz de Santiago do Cacém*. Lisboa: [s.n.], ADPHADB.
- VASCONCELLOS, Francisco Lobo de (2010) – As Quintas ao Redor de Santiago do Cacém: Elementos para um Inventário. In SILVA, Isabel; MADEIRA, João; FERREIRA, Sofia, dir. – *Actas do 2.º Encontro de História do Alentejo Litoral*. Sines: Centro Cultural Emmerico Nunes, pp. 216-222.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1895) – Antiguidades do Sul do Tejo (mencionadas num manuscrito de D. Fr. Manuel do Cenáculo). *O Archeologo Português*, 1, (1). Lisboa, pp. 338-344.
- VASCONCELOS, J. Leite de (1920) – Viagem de Pérez Bayer em Portugal em 1782. In *O Archeologo Português*. S. I, vol. XXIV, pp. 108-176.
- VAZ, Francisco, coord. (2009) – *Os livros e as bibliotecas*

no espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo: repertório de correspondência, róis de livros e doações a bibliotecas. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.

VAZ, Francisco (2012) – A ideia de biblioteca na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo. In MEDEIROS, Filipa, coord. – *Acervos patrimoniais: novas perspectivas e abordagens*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola e Fundação para a Ciência e Tecnologia, pp. 78-96.

VAZ, Francisco António Lourenço (2015) – As Ideias Económicas na Ação Pastoral de Frei Manuel do Cenáculo. [Em linha]. *Itinerarium - Revista Quadrimestral de Cultura*, LXI, pp. 143-157. Disponível em <https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/16206/1/2015-As%20Ideias%20econ%C3%B3micas%20Cen%C3%A1culo.pdf>.

VIANA, Abel (1946) – A arqueologia do Baixo Alentejo na obra do Bispo pacense, D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas. *Arquivo de Beja*, vol. III, (I-II), pp. 118-127.

VIANA, Abel (1952) – Epigrafia Pacense: As pedras do Cenáculo. *Arquivo de Beja*, vol. IX, (I-IV), pp. 3-17.

VIANA, Abel (1956) – As Pedras do Cenáculo. *Arquivo de Beja*, vol. XIII, (I-IV), pp. 110-116.

VIDEIRA, Ana (2003) – Quinta dos Olhos Bolidos. In *Gentes e Culturas. Freguesia de Santa Cruz, Vila Nova de Santo*

André. Liga dos Amigos de Vila Nova de Santo André, pp. 14-21.

VILHENA, Jorge (2014) – Acupunctura em Odemira: dois séculos de Arqueologia. In PRISTA, Pedro, coord. – *Ignorância e Esquecimento em Odemira*. Odemira: Município de Odemira.

VILHENA, Jorge [s.d.] – Arqueologia de período romano no concelho de Odemira. In SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares, coords. – *Atlas do Sudoeste Português*. [em linha]. Edição: CIMAL/MAEDS. Disponível em <http://www.atlas.cimal.pt/drupal/?q=en/node/344>.

VITERBO, [Francisco Marques de] Sousa (1988) – *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. 2.ª edição [ed. fac-símile, da 1.ª edição de 1904]. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

VITERBO, [Francisco Marques de] Sousa (1988) – Oliveira, Joaquim de. In *Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses*. 2.ª edição [ed. fac-símil., da 1.ª edição de 1904]. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 219-222.

WESSEL, Klaus (1966) – Altar. In WESSEL, Klaus, dir. – *Reallexikon zur Byzantinischen Kunst*. Estugarda: Anton Hiersemann Verlag, vol. I, col. 119.

Edição:



União das Freguesias de Santiago
do Cacém, Santa Cruz e
S. Bartolomeu da Serra

Parceria:



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA
DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO ALENTEJO



MUNICÍPIO
SANTIAGO
DO CACÉM
TERRA ÚNICA



União das Freguesias de Santiago
do Cacém, Santa Cruz e
S. Bartolomeu da Serra

Apoios:



MUNICÍPIO
SANTIAGO
DO CACÉM
TERRA ÚNICA



Crédito Agrícola
Costa Azul

100
ANOS
centenário